

MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL
ABR. 1941

483



Giesta em flôr
expressivo tipo de
camponesa
alentejana

(Fotografia do distinto
artista
Eduardo Nogueira)

A VOZ DE LONDRES

Novos horários e comprimentos de onda dos noticiários da B. B. C. de Londres em:

Horas de Lisboa

12.15

21.00

24.00

PORTUGUÊS

Ondas médias

285,7 m. (1.055 kes)...

Ondas curtas

19,76 m. (15,18 mcs)

31,55 m. (9,51 mcs)

31,55 m. (9,51 mcs)

ESPAÑHOL

12.45

21.30

285,7 m. (1.055 kes)...

19,76 m. (15,18 mcs)

31,55 m. (9,51 mcs)

FRANÇÊS

Ondas médias

11.15..

17.15..

19.15.. 261,1 m. 285,7 m.

21.15.. 261,1 m.

23.45.. 261,1 m. 285,7 m. 373,1 m. 49,59 m.

Ondas curtas

.. 49,59 m. 41,49 m. 25,38 m. 25,29 m.

.. 49,59 m. 41,49 m. 30,96 m.

.. 49,59 m. 30,96 m.

.. 49,59 m. 30,96 m.

.. 49,59 m.

ATENÇÃO : — Brevemente os noticiários em língua portuguesa serão acrescidos de 15 minutos de palestras e programas musicais especialmente dedicados a Portugal.
Esse novo serviço será oportunamente anunciado.

“Escrupulosa exposição dos factos”

“O Serviço em Português da B. B. C. é mais uma manifestação desta política de amizade...”

Dr. Armindo Monteiro
(em 8.-6.940)

Sumário

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

KINGSLEY WOOD, biografia

OS «MENINOS DA LUZ». O aniversário do Colégio Militar (fotos de J. Lobo)

OS HOMENS DA ARMADA BRITÂNICA, por H. C. Ferraby

A POSIÇÃO ESTRATÉGICA DE MALTA, por Nautilus

HISTÓRIA DE UMA CANÇÃO (fotos de J. Lobo)

QUATRO PÁGINAS COM SENSACIONAIS FOTOGRAFIAS DA GUERRA

A TÔRRE DO TOMBO

A BATALHA DE ÁFRICA

UMA CIDADE DENTRO DUM CASTELO, de Rogério Perez

DAR DE BEBER A QUEM TEM SÊDE

A GUERRA AÉREA CONTINUA, pelo capitão-aviador Edgar Cardoso

«GÁS! ALERTA!», página gráfica dos últimos exercícios de defesa passiva, em Barcarena

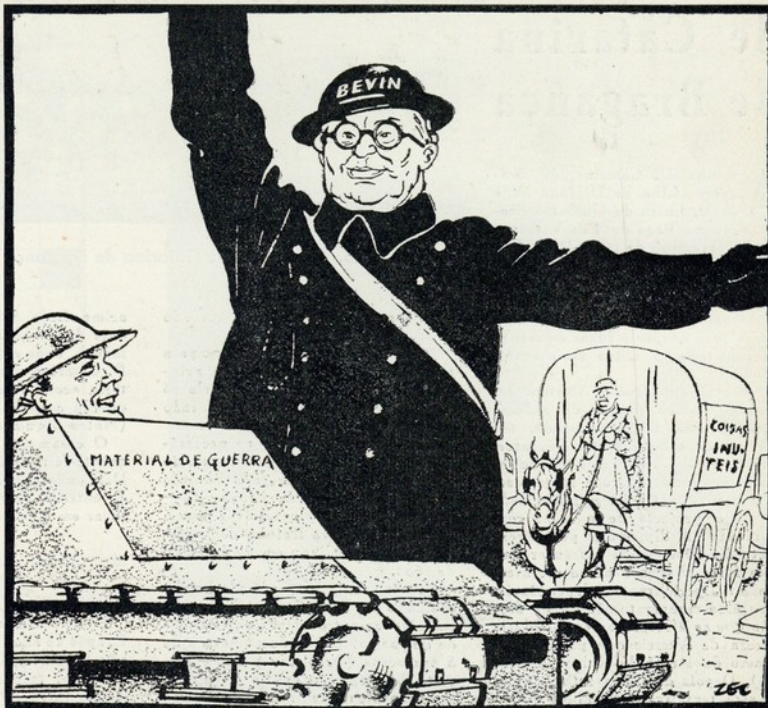
QUAL O SÍTIO MAIS BONITO DE LISBOA? responde Gustavo de Matos Sequeira

PAGINA FEMININA, de Aurora Jardim

A «NOBRE ARTE» DO PUGILISMO de C. de O.

CRÓNICA ALEGRE, de Marçal Saldanha

CINEMA, de António Lourenço



Como o Ministro do Trabalho regula o «trânsito» em Inglaterra

CRÓNICA ALEGRE

Desvantagens de ser honesto

Há um ditado muito antigo que diz que anda meio mundo a enganar o outro meio. Se este aforismo encerra uma grande verdade, no entanto, não está certo, porque está provadíssimo que o meio mundo que anda a ser enganado é, sem comparação, muito mais pequeno que o meio mundo a quem cabe a missão de entrujar. Isto, matematicamente, pode ser errado mas, praticamente, é certíssimo. Tudo isto vem a propósito do seguinte:

Um amigo íntimo meu, o Anastácio, cujo nome não vem para o caso, porque ele é conhecidíssimo e, sobretudo, muito modesto foi, há pouco tempo, bafejado pela sorte ou, melhor, pela sorte grande, porque o dinheiro entrou-lhe pela porta dentro em forma de décimos da Santa Casa da Misericórdia.

Não contou a ninguém que lhe tinha saído a sorte grande mas, como não há nada que não se saiba, em breve constou que o Anastácio estava rico. De modesto funcionário passou logo a abastado capitalista porque lhe propuzeram dezenas de negócios, todos de êxito garantido.

Ora, o Anastácio que, aqui para nós, tem a mania das grandezas e de ser um grande homem de negócios começou a aceitar tôdas as propostas que lhe fizeram e a financiar a tôrta e a direito todos os negócios que lhe apareceram.

Começa aqui a demonstrar-se que a metade do mundo que engana é muito maior que a metade que anda a ser enganada, porque a meu amigo Anastácio é só um e os sócios e proponentes de negócios que lhe apareciam eram às dezenas.

Já estão a calcular que os sócios eram do peorsinho que pôdia haver. Como não podia deixar de ser, o bom do Anastácio começou a ver fugir-lhe o dinheirinho da sorte grande, desatou a ter preocupações e nunca mais teve sossego.

No princípio, enquanto houve dinheiro, lá se foi salvando. Falhava o negócio da fábrica de colheres de pau, liquidava as dívidas e era o caso arrumado. Apareciam logo uns sócios com a patente da fabricação de palha sintética para colchões de arame e fazia-se o negócio, perdia-se, mas não havia sarilhos porque o Anastácio pagava tudo. O pior foi quando o dinheiro começou a faltar e os compromissos a terem que ser liquidados.

Para encurtar razões, o Anastácio, que era o modêlo da honestidade em tamanho natural, foi malhar com os ossos na cadeia por ter quebrado fraudulentemente.

Soube agora que já depois do Anastácio estar outra vez sem vintém e metido na cadeia andavam uns senhores à procura dêle para capitalizar a realização dum filme português.

Foi pena não terem aparecido mais cedo, porque o Anastácio entrava e tinha sido melhor para êle. Sim, porque financiar um filme português é o mesmo que comprar uma máquina de fazer notas, porque aquilo é dinheiro em caixa e além disso o Anastácio não tinha sido preso.

Pois se êles não são presos por fazer as fitas, iam agora prender o Anastácio que só tinha dado o dinheiro?

Marçal Saldanha

Para
conhecer
Portugal
consulte
a C. P.

Informações:

em tôdas as estações

— em Lisboa, no serviço do

Tráfego — Telefone 2 4031

— no Pôrto, na estação de

S. Bento — Telefone 1722

O casamento de Catarina de Bragança



O cortejo nupcial de Catarina de Bragança e Carlos II, de Portsmouth para Hampton-Court

A rainha D. Catarina de Bragança, filha de D. João IV e de D. Luíza de Gusmão, nasceu no Paço de Vila Viçosa a 25 de Novembro de 1638. Daí a dois anos, Portugal recuperou a sua independência e a pequenina duquesa, nascida entre rendas e arminhos, vinha para Lisboa, donde mais tarde saíria para ocupar o lugar da rainha de Inglaterra, a nossa mais antiga aliada.

«Aos 16 anos que já floriam em graças — olhos negros de sedosas pestanas, tez trigoíreio-rosada, tão portuguesa, cabelos fartos e escuros, quási negros...» (Matos Sequeira) tinha um porte seguro e majestoso.

Quando atingiu a maioridade houve o projecto de a casar com Luiz XIV. A diplomacia portuguesa pretendia dèste modo assegurar com uma forte aliança a nossa recente e ainda tão periclitante independência. Mas êsse casamento não quis o destino que se effectuasse; «e foi Maria Tereza de Austria que partilhou o tálamo do Rei Sol» (Eduardo Brásão). Depois de terem falhado, não só esta tentativa como ainda outras para o casamento da illustre senhora, ficou resolvido o seu consórcio com Carlos II da Inglaterra.

Restaurara êste país, em 1660, a sua monarquia depois da experiência de Cromwel, voltando a Londres, o

filho de Carlos I e sendo coroado com o nome de Carlos II.

Foi êste o momento oportuno para se pensar na aliança da nossa princesa com o rei inglês. Tinha ella 23 anos, quando nas côrtes foi declarado público o seu futuro casamento.

Entabularam-se então as necessárias conversações e o real consórcio effectuou-se. Foi encarregado António Conti — o favorito de Afonso VI — de fazer todos os preparativos para o embarque da nova Rainha da Inglaterra que se realizou em 23 de Abril de 1662.

Veio ao Tejo uma armada sob o comando do Lord Sandwich — como embaixador extraordinário — «armada que se compunha de 14 naus e de 5 sumacas» (Dr. Perry Vidal — Revista dos centenários).

São muitas e variadas as gravuras e de muito interesse alusivas a êste casamento. Entre as grandes festas que se realizaram, então, salientemos uma aparatosa e deslumbrante tourada, «Te-Deums» e muitas outras pompas e galas. O embarque foi na data

acima citada. Saindo a armada do Tejo dois dias depois, lá foi para Portsmouth, onde a 22 de Maio dèsse ano D. Catarina subiu aa trono de Inglaterra «com o seu pequenino pé esquerdo calçado de lhama de ouro» (Matos Sequeira).

O casamento realizou-se em uma quinta-feira na igreja de «Domus Dei» onde hoje é o Garrison Church. A entrada solene em Londres teve lugar em 30 de Setembro.

* * *

Dèste casamento não houve filhos. E, após 23 anos de casada — os quais não foram isentos de amarguras — a virtuosa rainha enviuvou (1685). Ainda dutante 7 anos permaneceu em Inglaterra com um luto constante. Os ingleses queriam-lhe muito. Mas eram grandes as saudades que a punham. Voltou a Portugal. Entrou pela Beira. O Povo recebeu-a com muito regosio e affectuosos festejos.

Seu irmão D. Pedro ofereceu-lhe para residir o paço de Alcântara, do qual seu pai tanto gostara e que era mesmo o seu predilecto.

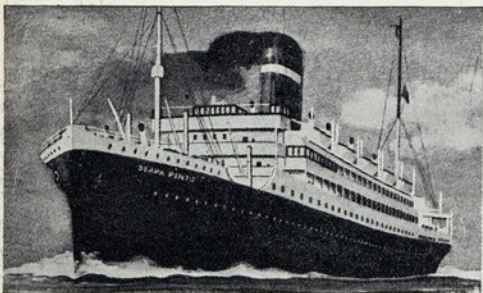
A rainha viuva habitou sucessivamente nos Palácios de Santa Marta, Penha de França, da Rua da Rosa, o de Belém e, finalmente, no «seu» palácio da Bemposta. Tinha o prazer da solidão a infeliz e real senhora; mas em 1704 viu-se obrigada a tomar conta da regência do reino por motivo da ausência de seu irmão D. Pedro na campanha da Beira, e no ano seguinte, o mesmo cargo teve que ocupar, em virtude da doença grave de D. Pedro.

Em 31 de Dezembro dèsse ano de 1705, morreu suavemente Dona Catarina de Bragança que tão agitada vida tivera.

O seu corpo foi para Belém mas, mais tarde — no século actual — foi trasladado para São Vicente de Fora.

J. Gonçalves Correia

OS PAQUETES da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPA PINTO"

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a Africa em linhas rápidas

PAQUETES

«Serpá Pinto»	8.267 T.
«Mouzinho»	8.374 »
«Colonial»	8.309 »
«João Belo»	7.540 »
«Guiné»	3.200 »

VAPORES DE CARGA

«Cassequel»	7.300 T.
«Ganda»	6.770 »
«Pungue»	6.290 »
«Malange»	5.050 »
«Lobito»	4.200 »
«Sena»	1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgilio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

Peçam

Gonzalez-Byass

Vinhos e Aguardentes do Jerez

Vinhos do Pôrto

Tio Pepe
Amorosa
A. B.
Nectar
Solera 1847

Jerez

3 Copas
Soberano
Insuperable

Aguardentes
Jerezanas

Superior Tawny
Special Tawny
Port in Sight
«54 Port.»

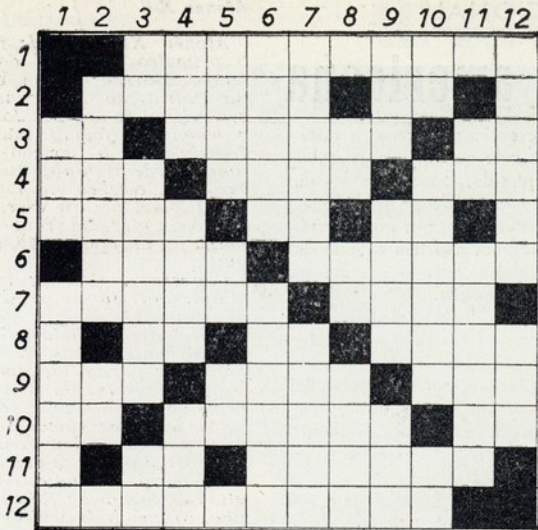
Vinhos do Porto

Depositários:

GARLAND, LADLEY & C.º LTD.

10, Travessa do Corpo Santo — LISBOA

(Telefone 2 3311)



PROBLEMA N.º 11

HORIZONTAIS

- 1 — Coleção de excertos selectos de diversas obras.
- 2 — Apelido do comandante supremo de todos os exércitos ingleses no Médio Oriente; pronome pessoal.
- 3 — Alegria-te; guarnecido com ameixas; medida inglesa de 0,33 m.
- 4 — Interjeição que serve para saudar; preposição.
- 5 — Torra; vogais; aspecto.
- 6 — Cada uma das partes duras e sólidas que formam o esqueleto dos vertebrados; coberta de sebo.
- 7 — Comece; lavram.
- 8 — Articulação; consoantes iguais; peixe escomeroide que se pesca no Algarve e nas águas da Madeira.
- 9 — Caricativo; vazias; prenda.
- 10 — Preposição; estimarás; existe.
- 11 — Artigo árabe; apelido do comandante em chefe das forças que têm a seu cargo a guarda dos diferentes sectores da Inglaterra contra qualquer invasão.
- 12 — Que se não pode passar a vau.

VERTICAIS

- 1 — Triture (com os dentes); obstei.
- 2 — Apelido do general inglês que

- comanda o exército do Nilo; nota musical (inv.)
- 3 — Aqui; subscreevo; caminho (inv)
- 4 — Ovário dos peixes; nojo; flanco.
- 5 — Divisa; vogais; pedra de moínho.
- 6 — Escolhe (por meio de votos); meta cabo.
- 7 — Iluminados; expõe minuciosamente.
- 8 — Ofereça; vogais; andas no ar (inv.)
- 9 — Ligo; desdobre; costuma (ant.)
- 10 — Descoberto; habitante da Croacia; letras de «kilo».
- 11 — Polvilho; apelido do general comandante das poderosas forças da União Sul Africana.
- 12 — Falta de sangue; de tamanho médio (fem.)



Solução do Problema n.º 10



A Rainha Isabel de Inglaterra, modelo de nobilíssimas virtudes, permanece em Londres, na linha de fogo. Com o Rei Jorge, visita diariamente a grande metrópole, percorrendo, de preferência, os bairros pobres, onde é saudada com vibrante entusiasmo. Entre ruínas, ou nos hospitais, o seu sorriso brilha sempre cheio de confiança e de optimismo. Ei-la, num abrigo do sub-solo de Londres, conversando gentilmente com as crianças

ANUNCIAR

NO

“Mundo Gráfico”

É GANHAR DINHEIRO!

Revista de larga expansão que é lida por toda a gente

Os seus reclamos são valorizados por uma brilhante apresentação gráfica

Consultem a nossa tabela

PAPELARIA CARLOS

FUNDADA EM 1848

de CARLOS FERREIRA, L.da

Telefone 2 0244

34, Rua do Ouro, 38 LISBOA 147, R. S. Julião, 153

Artigos de Escritório

Material de Desenho

Casa especializada em livros para ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Artigos de fantasia, para escritório:

Tinteiros, pastas para papel, canetas com tinta, lapiseiras, carnets, albums para fotos, pastas para mensagens, livros para visitantes, etc. etc.

Secção de tabacaria, valores selados e livraria



KINGSLEY WOOD

O ministro das Finanças da Grã-Bretanha é um caso típico de um homem que se fez à custa do seu próprio esforço. Foi estudando, trabalhando, combatendo, que viu consagrado os seus méritos pessoais. Na luta pela vida e nos combates da política, percorreu, passo a passo, a estrada que conduz ao êxito. É costume evocar a mocidade ardente e difícil dos homens notáveis do nosso tempo.

Nenhum terá, como Kingsley Wood, direito a ver recordadas as horas da juventude para justificar e explicar os triunfos que, posteriormente, haviam de coroar o seu trabalho.

Kingsley Wood tem actualmente sessenta anos. Filho de pais modestos dedicou-se à advocacia onde conquistou, rapidamente, uma posição de destaque. Filiou-se no partido conservador e interessou-se pela administração municipal. Assim se conservou, em tarefas modestas mas úteis, até ao fim da última conflagração. Em 1918 entrou, pela primeira vez, no Parlamento. Desde essa data foi sucessivamente reeleito e os triunfos contam-se pelo número das suas intervenções nos Comuns.

As funções públicas que desempenhou, durante cerca de doze anos, estavam intimamente relacionadas com a actividade do Ministério da Saúde, recém criado. Combateu os gabinetes trabalhistas presididos por Ramsay Mac Donald e tornou-se um dos colaboradores e conselheiros do chefe do seu partido, Stanley Baldwin. Quando se formou o gabinete nacional, presidido por aquele antigo chefe socialista, em 1931, foi-lhe confiada a pasta dos correios. Contribuiu, nesse posto decisivamente para a criação da B. B. C.

Em 1935 assumiu a direcção da pasta da Saúde onde se conservou até 1938, ano em que Neville Chamberlain lhe confiou a direcção dos assuntos da tesouraria. Colaborador dedicado e amigo fiel do falecido Primeiro Ministro, foi convidado por Winston Churchill para fazer parte do governo da união nacional que se constituiu em Maio de 1940, assumindo a gerência de Tesouraria. Os seus orçamentos de guerra recomendam-se pela clareza e pela sinceridade, tendo-se imposto rapidamente à consideração dos meios políticos e da opinião pública.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A intervenção americana

Será legítimo falar duma intervenção americana na guerra europeia? Tudo depende do significado que quisermos atribuir ao vocábulo intervenção. Os dirigentes dos Estados Unidos afirmam o seu propósito inabalável de não mandarem soldados aos campos de batalha da Europa. Acontece que, por uma singular coincidência, a guerra a que assistimos não tem exigido, até agora, sacrifícios em vidas que se assemelhem às grandes hecatombes características da última conflagração.

É no mar e no ar que se trava o duelo gigantesco entre a Grã-Bretanha e as potências do eixo. As campanhas sucessivamente conduzidas contra a Polónia, a Noruega, a Holanda, a Bélgica e a França não se traduziram por hecatombes humanas. A batalha da Inglaterra custou, no outono do ano passado, algumas dezenas de milhares de existências. A ofensiva na Líbia traduz-se por cento e trinta mil prisioneiros e um número reduzido de mortos.

Em compensação, o consumo de meios materiais tem sido praticamente ilimitado; aviões, carros, elementos mecânicos, carburantes. É precisamente no domínio da fabricação de guerra e do fornecimento das matérias primas que o auxílio dos Estados Unidos se traduz de maneira eficaz e imediata.

Rapidamente a opinião pública dos Estados Unidos evolucionou dum isolacionismo total e popular para um intervencionismo claro e intencional. O primeiro sintoma evidente deste movimento avassalador foi a reeleição de Franklin Roosevelt. É certo que entre o programa de política externa do candidato democrático e o do seu competidor não havia qualquer diferença apreciável. O povo norte-americano escolheu aquele que, por ter nas suas mãos as alavancas da administração, nem transfronteiras podia trazer à efectivação de plano de auxílio. Para isso sacrificou sentimentos consagrados e uma tradição arraigada.

Duma forma geral pode dizer-se que o partido republicano procurou sempre realizar uma forte centralização, em matéria de política interna, defendendo a necessidade de reforçar os poderes do governo federal com prejuízo da expansão local e da autonomia dos diversos estados que constituem a União. O partido democrático é o defensor tradicional da generalização dos poderes populares e da extensão da actividade local, opondo-se, sistematicamente, à centralização excessiva que, segundo afirmam os seus defensores, conduziu à intervenção abusiva do poder central na administração dos Estados. Para o partido democrático, o estatismo foi, até há pouco, um perigo para as instituições do país e uma ameaça para o seu espírito.

Estas tendências têm os seus lógicos reflexos na actividade externa da nação norte americana. Os republicanos inclinam-se para um isolamento que consideram condição essencial da prosperidade económica. Os democráticos são por um intervencionismo mitigado, em matéria militar, mas por uma colaboração franca no terreno político e diplomático.

Com a vitória eleitoral dos democráticos, Franklin Roosevelt reforçou a tradição de solidariedade intercontinental enunciada por Woodrow Wilson. Antes mesmo que os órgãos de representação popular sancionassem a sua orientação, praticou todos os actos que significam o desejo firme de auxiliar o Império Britânico, através de todos os riscos. A Europa foi visitada, periclitada, observada, vivida por algumas personalidades eminentes da política norte-americana: o coronel Donovan, Harry Hopkins, Wendell Willkie, amigos pessoais e confidentes do Presidente ou dos elementos preponderantes na Administração. O envio, à Europa do almirante Lekay, para França, e do embaixador John Winant, para Inglaterra, completou uma tarefa de aproximação cujos resultados se não fazem esperar. O voto do Senado veio sancionar a política do Presidente Roosevelt.

O Observador

Afonso XIII

Afonso XIII foi, de facto, o primeiro espanhol do seu tempo. Morreu com os olhos na Pátria, de que renunciou ser rei, tendo aos pés do leito o príncipe D. João. Já não era, fisicamente, o mesmo que numa tarde d'ágida de Dezembro, nos recebeu no Palácio do Oriente, no seu escritório muito simples, em frente dum mapa da Europa, então, tranqüila.

Conversou, sem protocolo, simples, afectuoso, irradiante de simpatia, sempre de pé, com o cigarro a queimar-lhe os dedos magríssimos. Naquela hora, o rei para falar com quatro portugueses, de Portugal, prolongou a audiência, com os salões cá fora cheios de ministros e de diplomatas. Era sincero! Mais tarde quando o sr. general Carmona, na sua alta representação, foi a Espanha, Afonso XIII deu-lhe gentilmente as boas vindas em português. O sr. presidente da República foi recebido em delírio. Madrid, Barcelona, Valência cobriram-no de flores. Esse acto histórico, tão transcendente, foi por assim dizer o prólogo da real renovação de amizade entre as duas pátrias da península, que Salazar e Franco mais tarde deviam firmar.

A Lei de auxílio



A discussão sobre a lei de auxílio à Grã-Bretanha, no Senado dos Estados Unidos terminou. Sliender, re-

presentante do partido democrático, que havia apresentado uma emenda contra o envio de tropas para o hemisfério ocidental, retirou-a. O que significa isto? E cedo ainda para o dizer. Fábricas e estaleiros trabalham em toda a América. A indústria automóvel está-se, velozmente, adaptando, ao fabrico de material de guerra.

Mais de duas mil máquinas — ferramentas para construção de tanques, aviões, metralhadoras, canhões, estão prontas.

Os Estados Unidos, como afirmou John Vinant, em Londres, chegarão a tempo.

Os Balkans

A viagem de Eden aos Balkans e no próximo Oriente tem decorrido sob bons augúrios. Ankara e Atenas aparecem agora juntas, ligadas pelas conversações do ministro dos negócios estrangeiros inglês, que ali chegou pouco antes da invasão prevista da Bulgária. A Grécia prossegue na luta para a qual não concorreu e a Turquia continua a ser a defesa natural do exército do Nilo, no seu flanco direito. Eis as posições no oriente europeu, para a próxima campanha da primavera. A guerra alastra, o que equivale a dizer que se torna impossível marcar uma data para o seu fecho.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**

Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de «Mundo Gráfico», L^a

Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 e 6 — Lisboa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço **1\$50**

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O MAIS PEQUENO DOS «RATAS» DESCOBRE DE NOVO O BRASIL

OS “MENINOS DA LUZ”

No Colégio Militar, escola da nação, onde os futuros oficiais aprendem a “Servir” a Pátria, legenda gloriosa da centenária instituição

Foi em 2 de Março de 1803 — há 138 anos — quando o coronel do regimento de artilharia da Côrte António Teixeira Rebello, militar valoroso que se distinguira na campanha do Roussillon, teve a ideia de fundar uma escola em que se ministrasse a instrução aos filhos dos militares aquartelados na guarnição da Torre de S. Julião da Barra, ampliando-se esse beneficio à população civil dos arredores, que surgiu o Real Colégio Militar.

Como descreve o major Fernando da Costa Maya, lente da Escola do Exército e professor do Colégio, a mudança da Côrte para o Brasil e as naturais consequências das invasões francesas e das lutas a que deram origem, dificultavam, cada vez mais, a existência do novo estabelecimento de ensino que, por outro lado, via aumentar, dia a dia, a afluência

dos alunos, alguns órfãos de oficiais mortos na guerra. Não se entibiava, porém, o ânimo do seu fundador, nem lhe diminuía o empenho de desenvolver e ampliar a sua obra magnífica, procurando não só edificio e local mais apropriado, eliminando-se as deficiências das instalações no forte da Feitoria, como também interessar o Governo, levando-o a tornar oficial a existência do Colégio. Esse resultado conseguiu-o o coronel Teixeira Rebello em 1813. Pela portaria de 24 de Abril daquele ano, “sendo necessário dar uma forma regular ao Colégio Militar, estabelecido na Feitoria, em Oeiras, e não convido demorar este negócio pelo tempo que a formação dos competentes estatutos exigiria”, foi encarregado D. Miguel Pereira Forjaz, secretário dos Negócios Estrangeiros, da Guerra e da Marinha de “expedir interinamente as

ordens que julgar precisas e fixar as regulações que lhe parecerem convenientes, não só para a reforma do dito Colégio, no que respeita à sua economia, disciplina e instrução, mas também pelo que pertence à admissão e demissão tanto das pessoas para os emprêgos, como para os colegiais.”

E’ ali na Luz, umas centenas de metros antes Carnide, que está instalado, actualmente, o Colégio Militar. No átrio do edificio principal, o olhar frio do general Teixeira Rebello, imortalizado no bronze de um pequeno monumento, vê passar gerações sucessivas de homens cujos nomes a fama arrebatou. O general duque de Loulé, o iminente estadista Lobo de Avila, Manuel Pinheiro Chagas, parlamentar, orador e estadista; Abel Inácio de Almeida Botelho, aluno laureado das escolas superiores, oficial do exército e



«Apresentar... armas!» E os rapazes apuram-se marcialmente empunhando as espingardas que mais tarde se transformarão em espadas

romancista; João de Andrade Côrvo, lente da Escola Politécnica, jornalista e escritor; Serpa Pinto, oficial do Exército e explorador; António Júlio da Costa Pereira d'Eça, comandante da expedição do Sul de Angola, em 1915; José Estêvão de Moraes Sarmiento, comandante da Escola Militar e director do Colégio e o mare-

chal Gomes da Costa, entre tantos outros, vestiram a farda dos "meninos da Luz". O Colégio Militar é uma escola de militares e, como tal, uma escola de disciplina, de energia, de coragem e de civismo. Não é um lieeu onde o estudo se completa com a instrução militar, mas um estabelecimento de características



Um futuro oficial de cavalaria



No laboratório de química. Uma preparação difícil



O militar deve ser um homem vigoroso. Movimentos precisos



No campo do Colégio. Um dos jogos favoritos — o «basket»



Uma «calistice». Passar com o selim sob a cabeça do cavalo, para não cair



«Apresenta-se o oficial de serviço ao Batalhão»

fundamentalmente militares a cujos alunos e ensino das disciplinas liceais indispensáveis para a frequência dos cursos superiores permite o ingresso na Escola do Exército. O «menino da Luz», é um militar por excelência. Toda a sua preparação intelectual, moral e física se subordina às exigências da carreira das armas.

O corpo de alunos constitui um batalhão dividido em quatro companhias. O «major», comandante do Batalhão é o interno do último ano mais distinto. Cada companhia tem o seu «capitão», comandante de companhia, «oficiais subalternos», comandantes de pelotão, «sar-

gentos», comandantes de seção e «cabos», comandantes de esquadra.

A primeira é a dos «ratas», os alunos do primeiro ano. O seu comandante, o «tama sêca» é escolhido entre os mais «sérios». Tem-se com elas cuidados e carinhos excepcionais e, para furtá-los às partidas dos camaradas mais antigos, dos já «sabidos», têm um recreio independente.

Submetidos a rigorosa disciplina, levantam-se às 6 horas ao toque de alvorada e, depois de um período de estudo em salas apropriadas, têm três tempos de aulas práticas ou teóricas, segundo o horário. De tarde, outros três tempos de aulas, recreio, jantar, estudo e recolher

às 21 horas. A preparação física não merece menos cuidados do que a preparação intelectual. Alguns, são verdadeiros atletas que, nos campeonatos escolares anuais têm alcançado as melhores classificações.

O Colégio Militar comemorou, há poucos dias, o seu 138º aniversário. Perante o monumento do Colégio, o sr. capitão Vieira da Fonseca, antigo aluno e, actualmente, professor, na alocução que proferiu propôs a divisa daquela escola de virtudes militares e cívicas: «Servir».

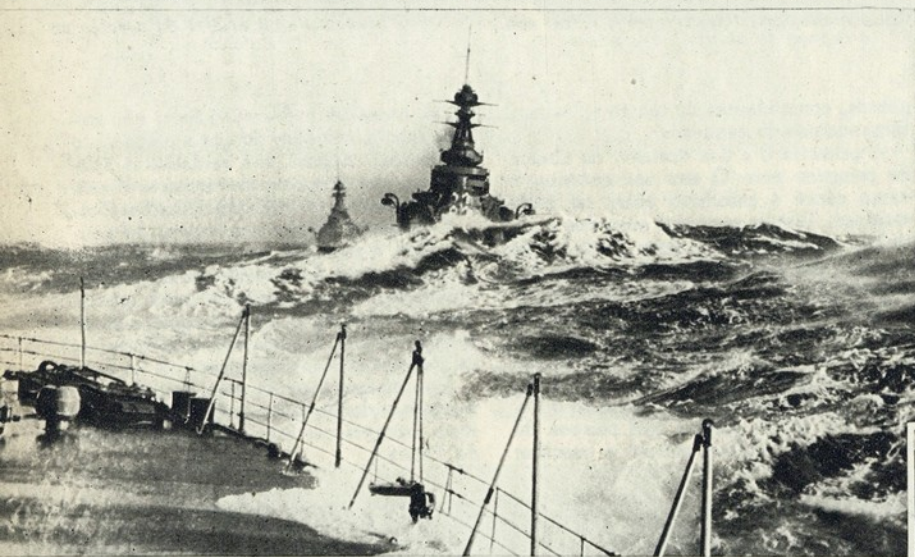
Que melhor legenda para a centenária instituição donde saem os homens a quem mais intimamente está confiada a defesa da Pátria?



Na aula de estudo. Preparando a lição para o dia seguinte



Na vida do «soldado» é preciso saber fazer tudo



OS HOMENS DA ARMADA BRITÂNICA

A Gran-Bretanha tem hoje, como sempre, justificado orgulho na sua Marinha de Guerra, a mais poderosa do mundo. E, se o somatório de factores materiais que fazem da Armada Britânica a primeira entre tôdas as que cruzam os mares do globo, é motivo de legítima vaidade do povo inglês, as gloriosas tradições dos marinheiros da Royal Navy não justificam menos a incontestável superioridade da sua organização.

Todos os oficiais e praças ao serviço da Marinha de Guerra inglesa são voluntários. Apesar do Serviço Militar obrigatório para todos os cidadãos ingleses até os quarenta anos, a Armada Real continua a seleccionar os seus homens entre as

centenas de milhar que anualmente se oferecem para servir nos navios de Sua Magestade.

Os oficiais voluntários para o serviço de guerra são escolhidos na lista daqueles que se encontravam na Reserva Especial — indivíduos com conhecimentos marítimos e de engenharia. Quando chamados para o serviço de guerra, são submetidos a três meses de instrução numa escola especial e a um período de aperfeiçoamento no mar. Mais de dois mil oficiais foram instruídos desde Setembro de 1939 e, em consequência da lista dos reservistas especiais estar quasi esgotada, o Almirantado permite que as praças sejam recomendadas pelos comandantes das unidades para efeitos de

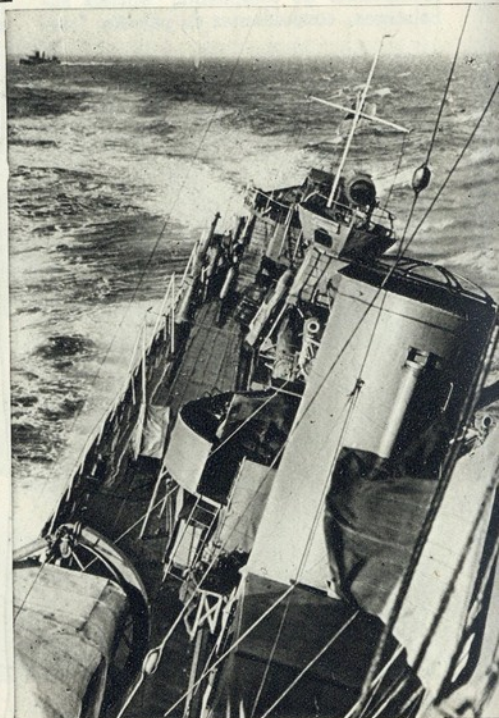
promoção. Assim, de seis em seis meses, um número determinado de marinheiros recomendados ingressa na Escola de Instrução Especial. Há, actualmente, três capitães que começaram a sua carreira como simples praças. Um deles foi, até, convidado para comandar na própria escola de treino onde, vinte e cinco anos antes, recebera instrução como recruta.

A Gran-Bretanha paga, anualmente, em tempo de paz, dezassete milhões e quinhentas mil libras de vencimentos e subvenções aos seus marinheiros. As exigências da guerra, porém, obrigam a elevar o orçamento para cinquenta milhões. Só a alimentação consome três milhões de libras e o fornecimento e substituição de uniformes dois milhões e duzentas e cinquenta mil.

Os mergulhadores e marinheiros utilizados noutros trabalhos especiais, como na detenção de submarinos e em serviços nos escritórios dos barcos, têm vencimentos extraordinários. Também têm uma subvenção especial, denominada «hard lying money», aquêles que desempenham situações mais arriscadas. Todos os chefes de família recebem um subsidio especial de cerca de 29,6 xelins semanais. Um «chief Petty Officer» (sargento ajudante), casado, com dois filhos, tem 103 xelins.

Actualmente, centenas de oficiais e praças da Marinha Mercante inscritos como reservistas servem na Royal Navy.

H. C. Ferraby





OS MARINHEIROS
DE SUA MAGESTADE



Um Shake-hand de Churchill



Bombeiro voluntário inglês



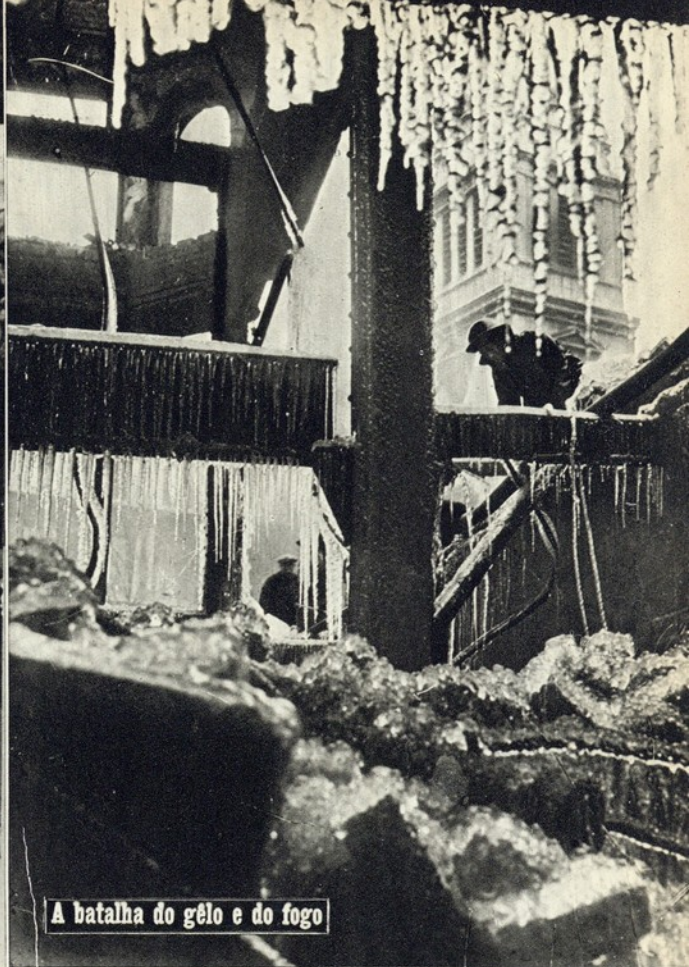
A R. A. F. vai largar



Artilharia na Escócia



Londres: crianças evacuadas



A batalha do gelo e do fogo



Lendo as últimas notícias



Morrison, director dos Correios



UMA RUA DA CIDADE DE LA VALETTA

A POSIÇÃO ESTRATÉGICA DE MALTA

A situação aero-naval no Mediterrâneo tomou nova fase com a aparição dos «stukas» alemães baseados nos aeródromos da Sicília, mas essa situação não tomou o mais grave dos seus aspectos, o qual se verificaria se Malta acabasse por cair em poder das forças germano-italianas.

Na verdade, quando a Itália entrou na guerra, admitiu-se que Malta não poderia, talvez, resistir demoradamente, primeiro, a um bloqueio de submarinos, depois a um ataque em forma.

Malta, rochedo agreste saído do mar pelo capricho da Natureza, tem-se mantido, afinal, como uma fortaleza inexpugnável da Idade Média.

É certo que o ataque em forma ainda não foi tentado, não se sabendo mesmo se a modalidade do bloqueio foi sequer ensaiada. O que é facto, todavia, é que Malta tem sofrido, ultimamente, uma série de violentos ataques, por parte das forças aéreas alemãs e italianas.

Esses bombardeamentos, demonstrando o valor estratégico da posição atacada, visam especialmente os objectivos militares e podem ser tomados como prelúdio de uma tentativa de ocupação da famosa ilha.

Malta tem tido, através da sua história, uma vida por vezes agitada e incerta. Conquistada pelos franceses em 1798, dali partiu Napoleão para o Egipto. Passados dois anos, Malta passava, porém, para o domínio inglês. A Gran-Bretanha transformou-a, então, no centro do eixo Britânico no Mediterrâneo, cujas extremidades são, a oeste, Gibraltar, e a leste, Alexandria, Haifa e Chypre.

De Malta ao ponto mais meridional da Sicília distam apenas 58 milhas, percurso que uma esquadra moderna pode vencer em menos de hora e meia e que uma força aérea transpõe, facilmente em pouco minutos.

Nestas circunstâncias, compreende-se como a pequena ilha rochosa, de 236 quilómetros quadrados de superfície constitui, com os seus aeródromos, hoje subterrâneos, um baluarte de incalculável valor estratégico.

Se é exacto que a navegação inglesa de Gibraltar para o Suez, desde que abstraída da rota do Cabo, tem de atravessar a «zona crítica» do Canal da Sicília, onde há bombardeiros alemães e italianos, não é menos certo que a posição britânica de Malta, apesar de muito exposta no seu inevitável isolamento, torna possível à R. A. F. uma intervenção relativamente fácil nas operações e uma protecção, bastante eficaz, aos combóios britânicos que por aquelas paragens tenham de passar.

A guerra no Mediterrâneo, seja sob que aspecto for encarada, apresenta, neste momento, particular interesse. A aviação alemã, conseguiu pôr fora de combate, talvez durante dois meses, um porta-aviões britânico e conduziu à destruição de um cruzador de 9.000 toneladas, á parte «toques» de menor importância num ou noutro navio. A frota britânica tem levado a cabo uma acção notável no litoral da Líbia e as operações da Albânia prosseguem normalmente, se bem que num ritmo menos acelerado.

Baseadas em Creta, em Corfu e em Malta, as forças britânicas mostram-se firmes e actuam, por vezes, sob ataques inclementes da aviação inimiga. O duelo continua com dureza, mas nada existe ainda que habilite a concluir que o avião levará de vencida o navio de linha.



Lá em cima está o liro-liro-liro



Lá em baixo está o liro-liro-ló



Junlaram-se os dois à esquina

A HISTÓRIA DUMA CANÇÃO

Nasceu no Douro, há mais de cem anos, ninguém sabe em que cantinho escondido. É filha do povo, que esse é o pai dos humildes—pobre e alegre engeitada. Talvez que em pequenina tivesse guiado algum cego pelas aldeias branquinhas do Norte. A sua história perde-se nas longuras dos anos esquecidos. Viram-na, já velhinha—velhinha e gaiteira—de braço dado com o “Vira”, e a “Caninha-Verde”, nas romarias da Senhora da Agonia. Talvez ainda sedutora—quem sabe! Se um artista se perdeu de amores por ela... E, o dr. Voronoff não teria feito melhor. Não diremas que o maestro Sousa Pinto lhe enxertasse glândulas de macaco. Mas fé-la reviver, rejuvenesceu-a—a pobre centenária.

Embarcou um dia em S. Bento—parece que no “rápido,”—e chegou a Lisboa seis horas passadas. Depois, embriagou e embriagou-se. Correu como doida pelos clubes. Vestiu-se de seda e bebeu “champagne”. Adoravam-na—adoram-na. Foi às “premières” com um cortejo interminável de apaixonados. Correu Portugal inteiro, a sonhar, louca com o seu sucesso. Voltou ao Douro a recordar a aldeiazinha perdida. Andou, andou sem deter-se um instante. Embarcou no «Clipper» e foi até à América em busca doutros amores. E as asas que a levaram a trouxeram, mais jovem e mais bela ainda. Está agora em Madrid, a disputar os admiradores da Célia Gamez na apoteose da melhor revista do ano.

Acaba aqui a nossa história, uma história de um autor desconhecido, que a Hermínia Silva ilustrou com a sua graça inconfundível.



A tocar a concertina



A dançar o solido



UM OFICIAL AUSTRALIANO ESTUDA UMA CARTA DA CIRENAICA



BENHAZI EM CHAMAS. UMA COLUNA INGLÊSA ATACA



MARINHEIROS ITALIANOS CAPTURADOS EM TOBRUK



TOBRUK BOMBARDEADA. AO FUNDO UM CRUZADOR ITALIANO

OS INGLÊSES NA CIRENAICA



OFICIAIS INGLESES EXAMINAM UMA ANTI-AÉREA ITALIANA



HOSPITAL ITALIANO EM ÁFRICA OCUPADO PELOS INGLÊSES



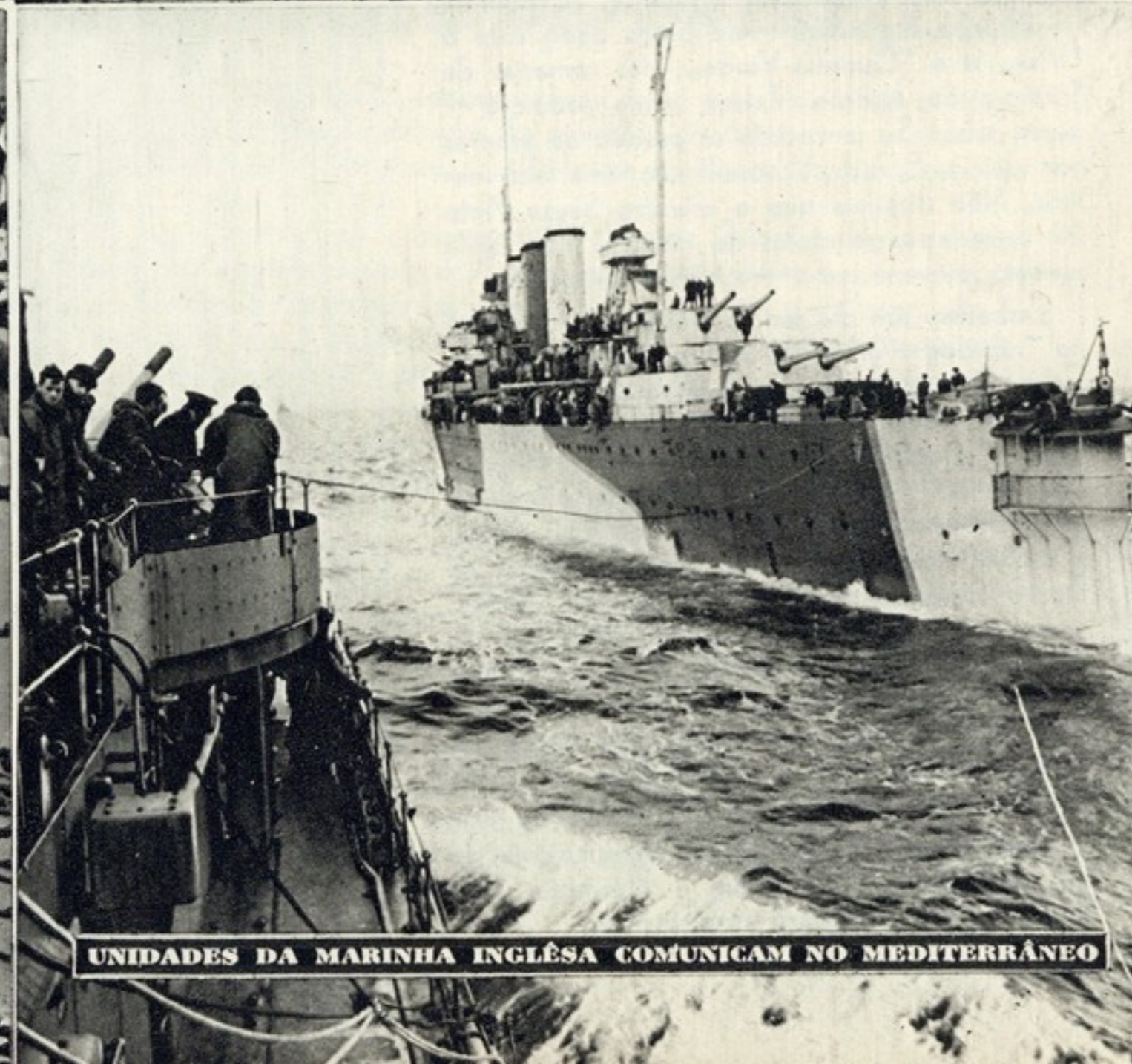
UM DESTACAMENTO DE AUSTRALIANOS ENTRA EM BARDIA



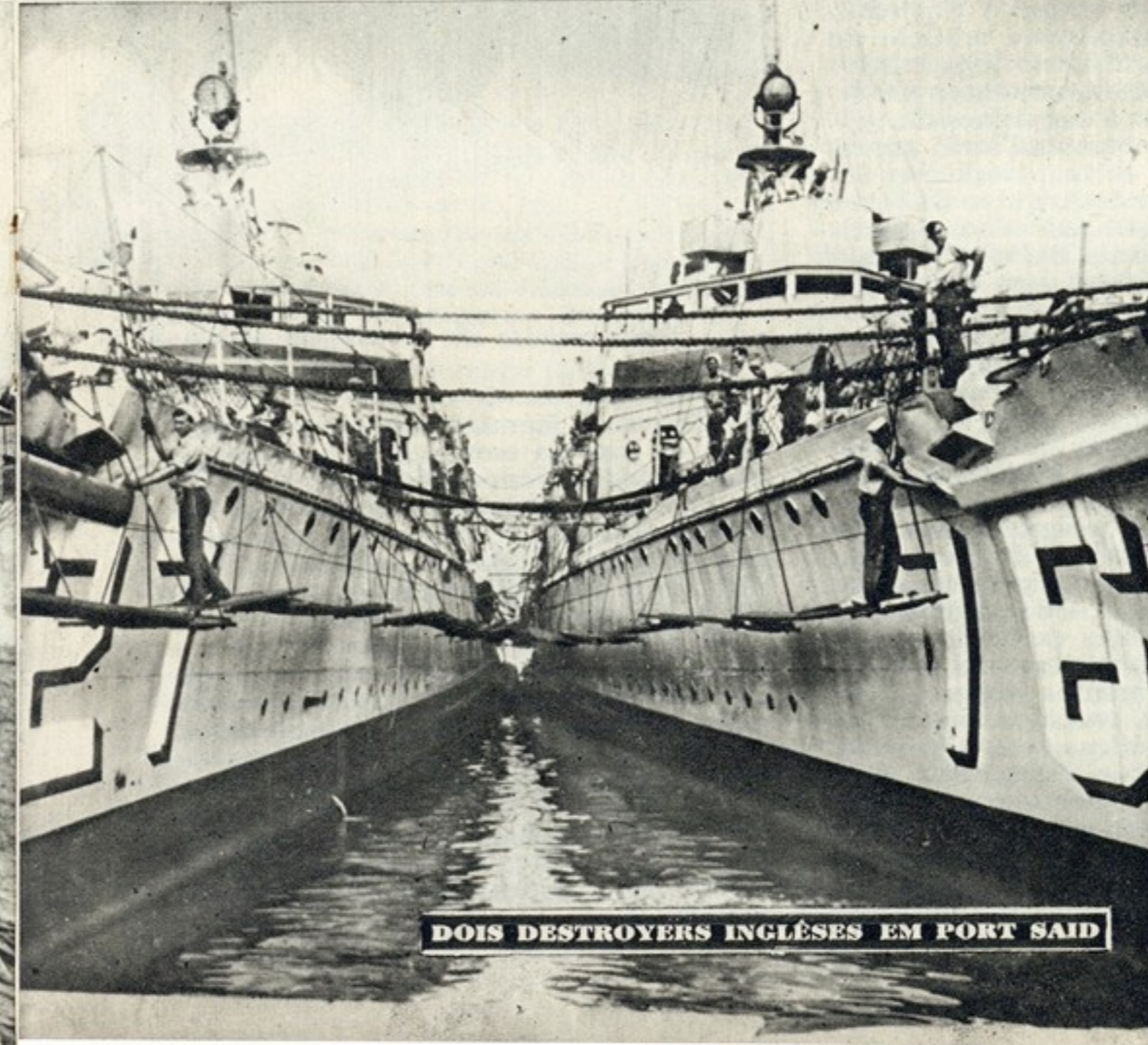
O ALMOÇO DOS SOLDADOS INGLÊSES NO DESERTO DE SYRTE



AS METRALHADORAS APREENDIDAS AOS ITALIANOS NA CIRENAICA



UNIDADES DA MARINHA INGLÊSA COMUNICAM NO MEDITERRÂNEO



DOIS DESTROYERS INGLÊSES EM PORT SAID



TANKS ABANDONADOS PELAS TROPAS DE GRAZIANI EM BARDIA



O sr. dr. António Balão, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, no seu gabinete de trabalho

A TÔRRE DO TOMBO

Os arquivos são as fontes puras da História. Ali se guardam, na sua expressão original, os documentos que atestam a existência dos povos, sua evolução, empresas heróicas e sacrifícios abnegados, e com os quais se podem reconstituir os períodos áureos das nacionalidades ou as épocas angustiosas da decadência — páginas da odisseia da Humanidade, na sua eterna caminhada para a perfeição ideal.

A História de Portugal está toda arquivada na Torre do Tombo. Investigadores eruditos, cronistas e historiadores têm buscado ali a documentação indispensável e nesses elementos basearam as suas interpretações dos factos distantes ou quasi esquecidos. Ali foi também que Alexandre Herculano sacudiu da poeira de muitos séculos algumas verdades que ajuntou à História.

A fundação do Arquivo da Torre do Tombo remonta ao século XIV, pois há notícia de que «em 1375, pouco mais ou menos, el-rei D. Fernando fundou um arquivo, numa das torres da cerca de muralhas de Lisboa, mandada construir por elle». Segundo um historiador olissiponense, «a Torre que serviu para arrecadar os primeiros documentos desse arquivo, depois chamado o Arquivo Nacional, erguia-se, ao tempo, no local, onde mais tarde o Rei Venturoso fez construir os Paços Reais da Ribeira, no Terreiro do Paço».

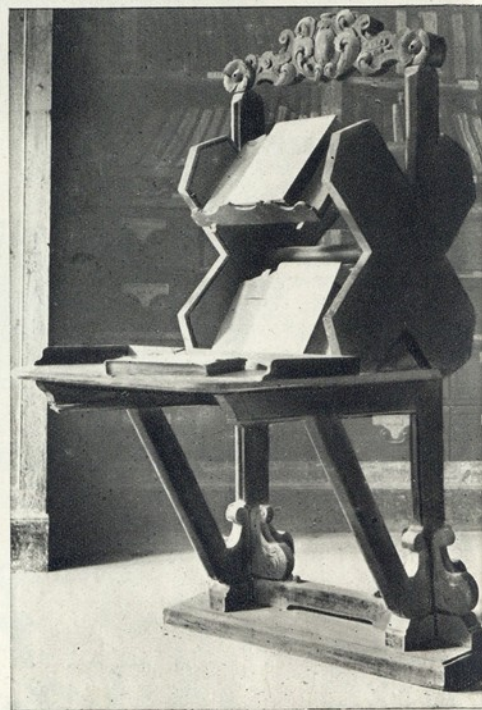
D. Manuel aumentou o edificio e enriqueceu o recheio com importantes documentos e não só aquêlle monarca como os que lhe antecederam, desde a fundação do arquivo, e os seus sucessores valorizaram-no, de forma a torná-lo famoso na Europa, ao ponto de «muitos titulares e prelados estrangeiros pedirem que ali fossem guardados os seus documentos importantes». No tempo de D. João III, um incêndio de enormes proporções devorou grande parte da documentação e, depois, o arquivo passou para uma dependên-

cia do castelo de S. Jorge que, como se sabe, ficou bastante arruinado com o sismo de 1755. Foram salvos, no entanto, os principais documentos. Dois anos depois, Manuel da Maia instalava o arquivo no Mosteiro de S. Bento da Saúde, transformado, depois, no Palácio das Côrtes, ou seja, o Palácio da Assemblêa Nacional dos nossos dias.

Mas porque mantém o arquivo a denominação de Torre do Tombo? «Denomina-se Torre do Tombo, porque Tombo, no português antigo, ainda usado, significa inventário de quaisquer documentos».

As instalações do Arquivo Nacional, na ala direita do magestoso edificio de S. Bento, têm passado por importantes transformações e melhoramentos ali introduzidos garantem a segurança do precioso recheio e imprimem ao local aspectos de harmonia e certa beleza. São director e sub-director do Arquivo da Torre do Tombo os ilustres académicos e escritores srs. drs. António Balão e Laranjo Coelho, que ali têm feito uma obra notável.

Para o ingresso nas salas de leitura, cujo ambiente é próprio ás pacientes tarefas de investigação e onde um funcionário amável exerce discreta observação, há que cumprir, apenas, as mesmas formalidades da mecânica das bibliotecas. Nas galerias defendidas do perigo de incêndio, cuidadosamente resguardados dos elementos destruidores e da acção do tempo, guarda-se livros preciosos, de alto valor documental e de grande merecimento artistico. A vasta documentação compreende leis, titulos e privilégios, doações, testamentos régios e contratos matrimoniaes, tratados com vários países, bulas apostólicas, etc. Citam-se, por exemplo, a famosa «Biblia dos Jerónimos», o «Livro das Fortalezas do Reino», com magnificas estampas feitas á pena por Duarte d'Auras; os livros de Reza de D. Duarte e da Rainha Cristina; os quarenta e nove volumes da «Reforma-



Uma estante de leitura do século XVII

ção d'el-rei D. Manuel; os «Livros místicos», do mesmo monarca, e o chamado «Mestre das Sentenças» e, ainda, o «Livro de Armas», mandado executar pelo Rei Venturoso, além de muitas obras de inestimável valia. Ali foram recolhidos, também, cerca de 18.000 processos da inquisição de Coimbra, Evora e Lisboa.

Na Torre do Tombo, todos os livros e documentos estão devidamente catalogados numa sistematização que denota dedicação, saber e o culto devotado de quantos, em tarefas de anos sucessivos, têm contribuído para a riqueza e prestigio do Arquivo Nacional, fonte pura da feitoria, onde a explicação dos factos surge radiante á luz imortal da verdade que é timbre dos historiadores esclarecidos e geniais.

A BATALHA DE ÁFRICA

Efectivos em presença

No seu discurso de 23 de Fevereiro o Duce deu os números exactos relativos aos efectivos italianos concentrados na Líbia e respectivo armamento. São os seguintes: 14.000 oficiais, 356.000 soldados, 1.900 peças de artilharia de todos os calibres, 15.300 metralhadoras pesadas e ligeiras, 11 milhões de projecteis de artilharia, 24.000 toneladas de fardamentos, 759 carros de combate.

Os números relativos aos efectivos britânicos nunca foram oficialmente revelados. Em Roma, avaliam em um milhão, os combatentes ao serviço do Império Britânico. É lícito supor que esse número atinge, pelo menos, quinhentos mil soldados e oficiais. O seu armamento e equipamento revelaram-se superiores aos do adversário. Calcula-se que os ingleses tinham à sua disposição dois mil carros.

Os chefes

Quando se iniciaram as hostilidades em África, as forças italianas eram superiormente comandadas pelo marechal Rodolfo Graziani. Entre os auxiliares categorizados do comandante em chefe figuravam os generais Maletti, Betti e Bergonzoli. Os ingleses eram comandados pelo general Wavel, o qual tinha como chefe de Estado Maior o general Maitland Wilson. Dos colaboradores categorizados do general Wavel celebrou-se o nome do comandante das forças australianas de assalto, Ivan Mackay. Graziani e Wavel são dois veteranos da guerra colonial. O primeiro, já era arrojado, fez as suas primeiras provas militares na campanha da Líbia, em 1911; o segundo é um oficial de carreira que se distinguiu na África e na Índia.

Circunstâncias curiosas: Graziani e Wavel mantinham, até há pouco, as melhores relações pessoais.

Os objectivos em vista

Fundamentalmente, o exército italiano da Líbia, em cooperação com as forças aquarteladas na Abissínia, na Somália e na Eritreia tinham por missão expulsar os ingleses do continente africano e obrigá-los a abandonar o Mediterrâneo. Esta acção conjugada tinha um objectivo imediato: o vale do Nilo e as principais cidades e portos do Egipto, especialmente Alexandria e o Cairo. A tarefa do comando italiano foi singularmente facilitada pela dispersão do exército francês da Síria.

Os italianos ocuparam a Somália britânica em 19 de Agosto de 1940 e invadiram o Egipto em 14 de Setembro do mesmo ano, tomaram Sollum e Sidi Barrani e detiveram-se nesta cidade a fim de se organizarem devidamente. A base das forças britânicas era em Alexandria e os seus grandes couraçados estavam em Marsa Matrux.

A nova etapa do avanço italiano devia iniciar-se em 14 de Fevereiro, segundo os planos do seu comando.

A marcha das operações

Na madrugada do dia 8 de Dezembro, os ingleses puseram-se em movimento partindo de Marsa Matrux. Dividiram-se em duas colunas, uma das quais avançou pela estrada em direcção a Sidi Barrani, enquanto a outra penetrava no deserto e vinha cortar as rectaguardas italianas na altura de Bug-Bug.

A coluna que se dirigiu para o deserto encontrou-se no mesmo dia 8 com uma coluna motorizada italiana do comando do general Macetti. Este foi morto em combate e a sua força dispersa. No dia 11 os ingleses entravam em Sidi Barrani e completaram, com o auxílio dos contingentes chegados a Bug-Bug uma marcha de novo que deu pleno resultado.



Wavel conversando com o general O'Connor

Proseguindo na sua marcha, os ingleses ocuparam, entre 9 de Dezembro de 1940 e 7 de Fevereiro de 1941, a província italiana de Cirenaica instalando-se nos seus principais portos e cidades do interior: Sollum (16 de Dezembro), Bardia (4 de Janeiro), Tobruk (21 de Janeiro), Derna (30 de Janeiro), Cirene (4 de Fevereiro), Benghazi (7 de Fevereiro). As guardas avançadas britânicas atingiram, em 9 de Fevereiro, Agedabia, na estrada de Benghazi a Tripoli, pondo extremo ao seu avanço.

Métodos postos em prática

A surpresa e a superioridade das suas forças mecanizadas foram o principal factor da vitória inglesa. Esta pode traduzir-se pela dispersão do mérito de Graziani e pela captura de 150 mil dos soldados e oficiais que o compunham. Os italianos adoptaram a tática da resistência local no percurso da estrada que conduz de Sidi Barrani a Benghazi. Os principais centros de resistência foram Bardia, onde o cerco se prolongou por algumas semanas, Tobruk e Benghazi. Ao sul desta cidade houve violentos combates entre forças motorizadas italianas e inglesas.

A iniciativa e a superioridade do comando britânico completaram as vantagens dadas pela excelência do material e pelo espirito ofensivo das tropas.

A colaboração das diversas armas

Com o exército do general Wavel colaboraram constantemente a esquadra do Mediterrâneo Oriental (almirante Cunningham) e as forças da R. A. F. aquarteladas no Egipto. Esta cooperação dos elementos armados realizou-se com uma eficácia inesperada. A esquadra contribuiu decisivamente para a conquista de Bardia e de Tobruk; a aviação martelou incessantemente os campos do inimigo, destruiu-lhes os depósitos de viveres e de munições e dispersou as suas concentrações onde se encontravam.

O Reich e o Mediterrâneo

No dia 10 de Janeiro, as forças aéreas do Reich fizeram a sua aparição no céu do Mediterrâneo. No dia 3 de Março, registou-se o primeiro encontro entre contingentes motorizados alemães e britânicos em Agedabia. A intervenção do exército e da aviação alemã constituiu um factor novo na batalha de África. Não é possível, neste momento, avallar a sua importância exacta nem a sua verdadeira extensão. De qualquer maneira, a batalha do Egipto, que era o objectivo essencial do comando britânico, foi ganha em dois meses tendo os vencedores para isso percorrido centenas de quilómetros no deserto.

ESTAMPAS ESPANHOLAS

Uma cidade dentro dum castelo

Quem vier de Madrid por S. Rafael do Guadarrama, ou de Salamanca fôr para ali, depara com um castelo como não há outro, melhor que todos os desenhos de castelos imaginados, que todos os de sonho ou ilusão, que todos os "Chateaux en Espagne". Têm oitenta e seis tórres e nove portas as muralhas milenárias daquele castelo de pedras claras, sem máculas do tempo, lavadas pelas neves e sopradas pela aragem fria de mais de mil metros de altitude.

E dentro do castelo de pedras claras há uma cidade de granito. Seria como aquela cidade fechada de Casablanca, se a de Marrocos fôsse branca e as muralhas não servissem para ocultar o vício. As muralhas desta cidade de Castela adivinharam a sua missão de guardar o espírito virtuoso duma Santa como também não há outra — Santa Tereza de Jesus, ou de Ávila, que é o nome da cidade.

As muralhas claras do castelo, e os templos morenos e as ruas graníticas da cidade, simbolizam, em continente e contendo, a alegre envoltura da que viveu como as criaturas simples e em si encerrou as energias da Reformadora das Carmelitas, da que escrevia como os anjos e agia como os Apóstolos.

— E' uma Santa que dorme e come como nós — disseram as Descalças de Madrid quando Santa Tereza por ali passou em suas andanças de Fundadora, lutando contra Papas e reis para tornar a Ordem mais rigorosa, ela só contra todos, ou quâsi só, pelo menos a princípio.

"Para a minha Ordem conto com frade e meio" — dizia com seu alegre desenfado, referindo-se a Frei António de Herédia e a S. Juan de la Cruz, poeta como ela, e que era de baixa estatura.

"Rindo se vai para o céu" — dizia a Santa que conde-nava a tristeza. E no refeitório, ante o suspiro místico



O Castelo de Ávila, com as suas tórres e ameias doiradas pelo sol, parece um diadema



Uma «calle» antiga da cidade, à sombra da velha Catedral



A Catedral, uma das mais belas da velha Castela



A igreja de S. Vicente com a sua colunata finamente trabalhada

duma religiosa, sentenciava: "Irmã, aqui vimos para comer, e não para suspirar". E ela comia com satisfação, pouco que fôsse, e confessava: "a mim, com uma sardinha que me dê, já me subornam". E, um dia por outro, não desdenhava melhor bocado.

Um dia, descando em casa rica das suas peregrinações em pobre burrica, entrou pelas delicias duma galinha, e às criadas que a olhavam explicou: "nem sempre sardinha, nem sempre galinha".

Porque era assim alegre, são claras as muralhas da cidade de granito, que em si guarda o espírito forte da que é adorada na sua catedral gótica, com retabulos de Berruguete, e no templo romano de S. Vicente, venerada nas suas próprias imagens, nas igrejas e nas ruas, e anualmente festejada com a alegria que lhe era cara.

E como no exterior daquele Castelo alegre, como não há outro, em todos os recantos interiores da cidade de granito, como outra não há em Castela, nas pessoas e até nos burros, que recordam a burrica que serviu para as peregrinações da Fundadora, paira o espírito de Santa Tereza de Jesus, de Santa Tereza de Ávila, que sempre seu nome é seguido do de seu Divino Esposo ou de sua cidade, como não há outra, guardada dentro dum castelo melhor que todos os imaginados.

Rogério Pérez



A Mãe de Água converteu-se num Niagara



Uma das gigantes estátuas do sifão de Sacavém, trabalho do escultor Maximiano Alves



Um robusto pédo de cimento que tem a altura de dez metros

Dar de beber a quem tem sede

O problema do abastecimento de águas à cidade de Lisboa, que por largos anos preocupou a população da capital e os governantes, arrastando-se sem possibilidades de solução, entrou na fase das realizações práticas, graças à política construtiva do Estado Novo. Era, de facto, um dos problemas graves que urgia resolver, esse do fornecimento de água potável para consumo da cidade. O caudal proveniente do Alviela não chegava para as necessidades da população e, à medida que o burgo crescia e esbracejava para além dos limites que foram, em tempos, aprazíveis lugares arrabaldinos, a falta de água tornava-se em angustiosa preocupação que afligia as multidões.

Ainda no Inverno não se sentia tanto a falta do precioso líquido. Mas quando o calor apertava e as nascentes quasi secavam ou transformavam-se em minúsculos «olhos de água», Lisboa sentia o suplicio da sede.

A política de reconstrução do Estado Novo e, em especial, ao ministro das Obras Públicas, sr. eng. Duarte Pacheco, fica a cidade devedora de tão grande benefício. Em 1929, com a instituição do Fundo de Obras, para o qual concorria uma parte do preço da água consumida, a solução do importante problema entrou na fase decisiva. Depois, em 1932, a fiscalização e construção de novas obras de abastecimento passou a depender do Ministério das Obras Públicas e em Dezembro foi celebrada a modificação do contrato com a Companhia das Águas de Lisboa, pela qual, pode dizer-se, o problema ficou inteiramente resolvido.

Já no verão de 1933, graças à tarefa da Comissão de Fiscalização, o abastecimento de água foi regular, devido à captação provisória das ressurgências de Alenquer, estudada pelos técnicos daquela comissão. A partir de então, não mais faltou a água em Lisboa.

As principais obras executadas foram a duplicação dos sifões do canal do Alviela, a construção do canal do Tejo, as captações nas lezírias do Tejo, com poços Keller e Hebard, e a ampliação e melhoria da rede de distribuição da cidade. Só com estes trabalhos foi despendida a elevada soma de 105.765 contos.

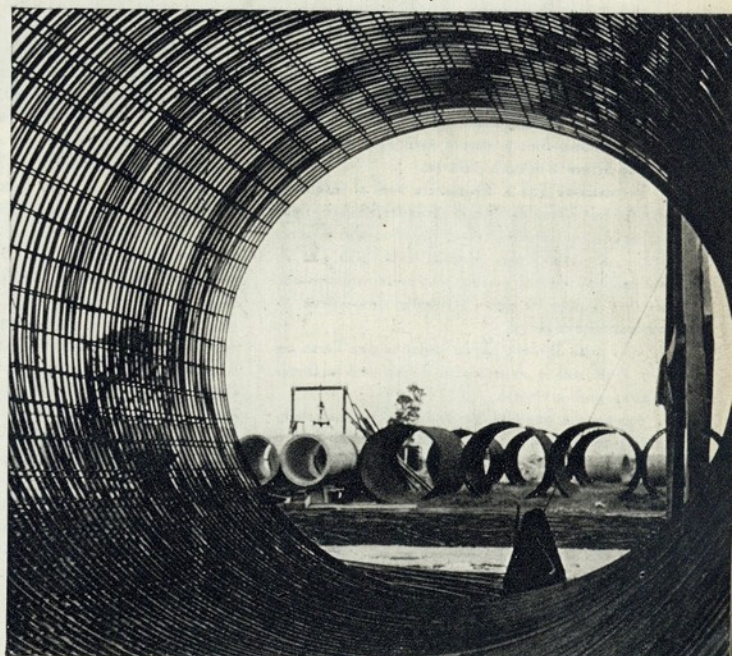
O novo canal do Tejo, que se destina a reforçar o canal do Alviela, é de betom armado, com 2,25 de diâmetro e uma capacidade de transporte que poderá atingir 225.000 metros cúbicos. As águas que o canal transportará provêm das captações no vale do Tejo, a montante de Vila Franca.

As obras de remodelação e ampliação da rede da cidade beneficiaram amplamente o sistema de abastecimento de água. A montagem de uma conduta de Lisboa a Cascais servirá o abastecimento dos concelhos da linha do Estoril.

Como remate desta empresa gigantesca, que honra a engenharia moderna e garante o pão a muitos trabalhadores portugueses, ficará a fonte monumental na Alameda D. Afonso Henriques que assinala a chegada da água a Lisboa, pelo canal do Tejo. A ponte-sifão de Sacavém, com as duas estátuas do escultor Maximiano Alves será, também, um documento a atestar um dos grandes empreendimentos da nossa época — o fornecimento de água à cidade de Lisboa, que não mais sentirá o suplicio da sede.



Lisboa já tem água à vontade. Eis um «pipeline» recentemente construído



Este gigantesco óculo é a estrutura metálica de uma das mantilhas, antes de revestidas de cimento



UM GRUPO DE RÁDIO-MECANICOS DA R. A. F. COM OS SEUS GORROS DE INVERNO

A GUERRA AÉREA CONTINUA...

pelo capitão-aviador *Edgar Cardoso*

Apesar de novos horizontes se abrirem aos olhares ávidos dos espectadores d'este conflito, com a adesão da Bulgária ao eixo e de se vislumbrarem outras acções diplomáticas ou de coacção tendentes ao mesmo fim, a guerra aérea continua. Será ela que ditará a última palavra.

Pretende-se que a Primavera será o início de uma grande ofensiva. Acção fulgurante, que busca auxílio nas chancelarias e na propaganda para captar simpatias, para simplificá-la, mas que se resume, em liquidar o assunto o mais rapidamente possível, pondo de parte situações duradouras de guerra económica.

Pois bem. Poderá haver invasões por Terra ou pelo Mar, mas a supremacia Aérea será o factor decisivo para a vitória.

Apesar da superioridade numérica anunciada pelos seus antagonistas, a Inglaterra, ou melhor a R. A. F., tem sabido neutralizar a acção aérea alemã, conseguindo mesmo resultados deveras brilhantes.

Será sem dúvida interessante dar algumas impressões sobre a eficiência dos ataques aéreos inimigos dirigidos sobre a Inglaterra, desde que a França sucumbiu após a ocupação.

Evidentemente, dada a enorme série de boatos existentes, não é fácil ajuizar completamente a veracidade dos factos, mas, contudo pode imparcialmente, tirar-se determinadas conclusões.

Em virtude disso e evitando exageros, pode afirmar-se que os estragos materiais têm sido maiores sobre objectivos não militares, e que estes não tem sido grandemente afectados.

E' fácil compreender que assim seja, pois não é mistério para n'nguém, a formidável barreira de fogo, feita à aviação inimiga, pela resoluta e bem organizada defesa anti-aérea britânica.

Mas a razão primordial, não é a rede de balões ou capa protectora da Artilharia; deve-se essencialmente, ao valor, à destreza e ao poder das forças aéreas britânicas.

Na fase inicial da guerra contra a Polónia e nas campanhas ulteriores contra a Holanda, a Bélgica e mesmo a França os ataques em massa surtiram efeitos, mormente contra a primeira que de pronto viu a sua aviação já de si pouco poderosa completamente destruído no solo, e quanto às outras não desfrutavam igualmente de melhor situação.

E a prova foi verificada em Croydon, aeródromo que serve Londres, em que num dos ataques, conforme notícias oficiais, foram abatidos quasi todos os aviões JU 87 de bombardeamento a pica que atacaram aquela Base.

O porto de Dover, que, segundo notícias de origem germânica fora completamente destruído, a 12 de Agosto, passados dias, a 24 do mesmo mês, foi novamente bombardeado, bem como pos-

teriormente por várias vezes, o que me leva a crer que há exagero nas notícias, e que quando as forças aéreas se equilibram, a eficácia sobre os objectivos militares terrestres, não é muitas vezes a apregoada.

Na guerra aéro-naval, também os prejuizos são menores do que ao principio se anunciava ou se previa. Haja em vista a acção contra o porta-aviões «Ark Royal», que mais tarde, reapareceu noutra acção marítima. Ultimamente o «Illustrous» vem confirmar esta asserção. A aviação inglesa terrestre, ou embarcada, tem sabido neutralizar a acção fulminante dos seus adversários. Contra a Itália tem sido mais nítida ainda a acção da R. A. F., mas temos que considerar que esta aviação está já antiquada em relação àquela. Não me refiro a qualidades de vigor, destreza, e valentia que se equivalem, mas não é impunemente que a Itália suportou 3 guerras no curto espaço de cinco anos.

Para terminar diremos: na Africa, ou na Europa, nos Balkans ou na frente Ocidental, continuarão a rufar os tambores, e continuarão a troar os canhões.

No Atlântico e no Mediterrâneo, continuará a guerra, mas de tudo isso só quando for demitido o duelo dos ares, poderá um dos contendores cantar altivamente o Hino da Vitória.

Até lá, a Guerra Aérea continua.



Os srs. Presidente da República e ministro da Educação Nacional visitam a «Voz do Operário», que comemorou agora o seu 58.º aniversário



A procissão do Senhor dos Passos, nas ruas do bairro da Graça, foi uma comovente manifestação de fé católica



O jantar de homenagem ao sr. Marcus Cheke, adido da Imprensa junto da Embaixada inglesa, oferecido por um grupo de jornalistas



O casamento da actriz Marie Dubas com o capitão aviador Bellair, de que foram padrinhos a ilustre poetisa Fernanda de Castro e Antonio Ferro



Nas exéquias por alma de Afonso XIII. No primeiro plano os srs. Presidente do Conselho e ministro da Marinha



Elementos da Legião e da Mocidade Portuguesa e escoteiros, com as máscaras afiveladas, atravessam uma cortina de fumo

GÁS! ALERTA!



Nos últimos exercícios de defesa passiva, em Barcarena. Através do gás, brigadas de legionários salvam entoxicados



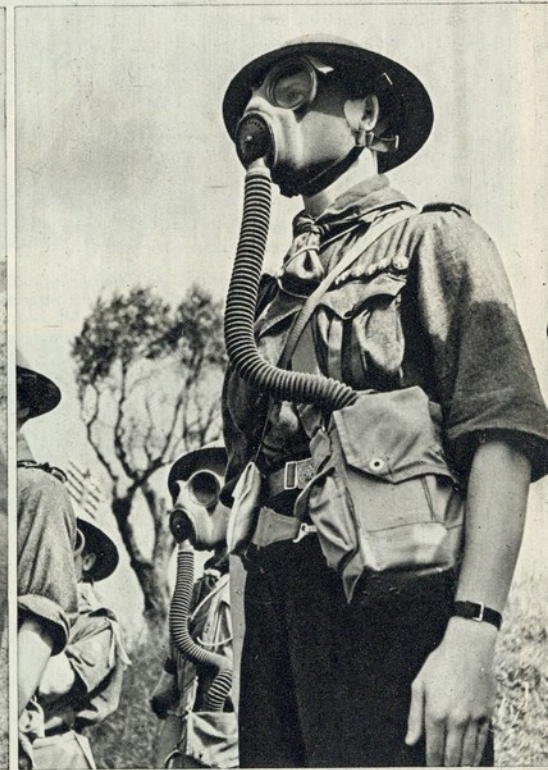
«Gás! Alarms!» Os escoteiros colocam rapidamente as máscaras. O exercício vai começar



«Gás! Alerta!» As máscaras estão prontas para serem colocadas ao sinal imediato



O sr. general Casimiro Teles, comandante geral da Legião Portuguesa, passa em revista os legionários



O corpo de escoteiros, que colaborou activamente nos exercícios, está pronto a intervir aonde o dever o chamar



A cúpula do zimbório da Estrêla, recorrendo-se nitidamente no espaço, parece uma tiara



A rua do Arco, com o seu lindo fundo característico, que mestre Roque Gameiro aguarela



Quem mora nesta linda casa, onde «panneaux» de azulejos evocam a história de Portugal?

Qual o sítio mais bonito de Lisboa?

Responde Gustavo de Matos Sequeira

Matos Sequeira é um dos olissiponenses mais ilustres. Não sabemos se nasceu em Lisboa, mas Lisboa é o seu berço literário. Tem-na descoberto através dos séculos, desde as origens até os nossos dias, já em crónicas deliciosas, onde a nota erudita se entremeia de manchas vivas de côr, já em livros que são dos melhores do tombo lisboeta. A sua obra, mesmo, é uma legenda de glória da velha urbe. Depois do Terramoto, O Carmo e a Trindade não são, apenas, escavações na história citadina. Evocam admiravelmente épocas pretéritas, com figuras, cenas vivas da rua, inconfidências de salões, anedotas galantes, etc., tudo pincelado num estilo largo e sugestivo, com as melhores tintas do nosso idioma.

Escolheu êle um dos sítios mais belos de Lisboa, quasi ignorado a quem passa na Rua da Escola Politécnica.

Uma calçada, de prédios velhos, êste côr de rosa, aquele azul de fisionomias simples e tranqüilas. São todos pequeninos, encostados uns aos outros, com altos muros, onde no verão enflora uma sardineira em pingos de lacre. Uma ou outra moradia, onde há ainda um braço que ostenta um passado, se não de grandeza, pelo menos, de relativa abundância. As gentes como que participam daquele ambiente calmo e recolhido de aldeia. Ali não passa o tumulto da multidão; apenas os que lá moram em passos vagarosos, como se custasse chegar muito lá acima à artéria dos eléctricos e dos automóveis barulhenta e trivial.

Em face desta pergunta — qual o sítio mais bonito de Lisboa? — quedei-me a pensar dois minutos. Mais bonitos há tantos! Um mais do que outro, por isto; êste mais do que aquêllo por qualquer coisa: aquêlles mais do aquêllo... por coisa nenhuma. Então, olhando mais para dentro do que para fora, acabei por achar.

O sítio mais bonito de Lisboa... é a minha rua. E não o confesso por bairrismo piegas, por êsse bairrismo de "revista do ano," sempre à procura de um motivo lírico, mas por aquela admiração que se constrói com a cal e areia da ternura e do hábito, argamassada pelos anos, que descobre cada dia uma beleza nova em cada panorama velho ou em outro aspecto de profundidade e de relêvo em cada superfície taceada pelos olhos.

E assim a rua do Arco — onde nasci e onde espero morrer — que desce de São Mamede para o vale de S. Bento, nem pobre nem rico, nem nobre nem humilde, a rua que eu subi a correr e agora subo devagar, de que quasi sei de cor as pedras onde tropecei e me está tôda nos olhos — fachadas, telhados, portas, janelas, chaminés — como diz o povo, faz-me ternura.

Lá de cima, quando me apeio do eléctrico, nunca deixo de namorar o pano de fundo cenográfico que ela me mostra, as tôrres da Estrêla recortando-se no céu e sobresaíndo ao

perfil contornado das árvores. E creio que foi Manini ou Rovascali, ou Rambois ou Cinatri que o pintaram para mim. Depois desço-a. Há velhos vizinhos que me acenam, casas que me sorriem a mostrar-se pintadas de novo e quando abro a minha porta, entro em casa com a certeza de que tudo aquilo fica lá tora a compôr-se, a maquilhar-se melhor e a combinar, com a luz e a côr, um geito novo para me agradar no dia seguinte.

Gosto da minha rua, que diabo! Antigamente, das janelas do quarto em que nasci via-se o rio, as fragatas, os montes calvos da Outra Banda, e havia um grande quintal de frente tufado de verdura. Agora, das minhas vidraças, sempre em perigo de as quebrar uma bola erradamente apontada a balizas imaginárias, só vejo fachadas brutas de prédios que a arquitectura vai afeiçoando como obra apurada de caixotaria. Paciência! A rua mudou. Também eu mudei; ela remoçando-se, eu envelhecendo.

Nêste «ganha-perde» que o Tempo joga tanta vez ao contrário dos nossos desejos, a afeição, porém, ficou intacta. E como lhe quero tanto e há tanto — embora alguns a achem feia — continuo a achá-la a mais bonita de Lisboa.

Quem feio ama bonito lhe parece. E os velhos colóquios populares, com o ser sabedoria das nações são igualmente a consolação dos homens.

Página Feminina

de AURORA JARDIM

O que dizem os costureiros

Alguém perguntou a vários costureiros franceses como lhes vinha a inspiração para criar os seus modelos.

Responderam de várias maneiras:

Lucien Lelong

— Como surgem as idéias? Não sei. É um trabalho que se faz inconscientemente. Há tecidos, um manequim, o reflexo de certa sêda, o auxílio da *première*. E uma forma nasce que passa pelos *ateliers* e de lá sai transformada em vestido, casaco, capa... Olhe: da sombra duma nuvem sobre a lua, surgiu um vestido de noite com a saia em tule preto e o corpo em *lamé* prateado; com o arabesco dum ramo de árvore na parede criei um vestido de tarde todo em renda azul-noite, tendo a cingilo uma grande faixa de musselina côr de fogo. Ponto de partida do subconsciente para a imaginação. Eis como nasce um modelo.

Jeanne Lanvin

— Possuo uma documentação completa sobre o vestuário em todos os tempos —



Vestido jovem em crepe de lã preto. Muito moderna a saia e a guarnição de renda. Laços de cetim

arte e tradições populares. Mas isso é pano de fundo.

— Ah?!

— Sim; trabalho sem cessar. Na rua, em casa, quando estou no teatro. Vejo tudo e apreendo aquilo que aprecio. Neste momento, a moda reveste-se da maior simplicidade. Deixa de ser sumptuosa porque não há vestidos de baile; é prática desde que nasceu a saia-calça para a bicicleta. E, como não houve aquecimento, fez-se muito a *salamandra*, o roupão, o vestido de interior inteiramente forrados a pele. Para a Primavera tenho idéias de leveza e côr: muito *beige*, blusas de musselina branca com encaixes de renda preta, casacos de grandes quadrados em tons pastel, misturados. E o corpo da mulher na sua perfeição íntegra fazendo ressaltar a linha e comungando com a guarnição.

Robert Piguet

— O que eu crio, neste momento, é um contracenso. Na época da simplicidade, não penso senão em riquezas de oiro em bordados, joias e rendas preciosas. Assim, desenho muitas palmas douradas que coloco no decote para dar alegria ao rosto e na algibeira como nota decorativa. Emprego de preferência a lã e dou abundante roda às saias, em redor da cinta — é esta a nota que lanço neste momento, tanto em aamental muito franzido em cima, como no vestido.

Suzy

— A inspiração que me leva a criar os chapéus não tem sentido definido, mas há quadros de certos pintores antigos que me têm influenciado: quantas senhoras modernas põem na cabeça o chapéu que usou uma infanta espanhola ou uma burguezinha veneziana, da Renascença. Mas fora disto, a idéia surge nem a gente sabe como. O meu chapéu que fez mais sensação no inverno foi: *volière*. E, sabe como nasceu? Dum cartaz que vi no Metro: muitos pássaros em redor dum ninho. Fiz o ninho em feltro e os passaritos de roda. E *volière* nasceu. Agora para a Primavera: ainda o bolero, o turbante feito com meadas de sêda em fio, o fez turco, mais baixo, colocado muito atrás e com uma gaze a cair pelas costas, pregas de alta fantasia e chapéus de aba toda levantada à frente, sendo nela que se coloca a guarnição.

E assim falaram vários criadores da moda.

Isto e aquilo

Novo rapôsa — Um criador de raposas, sueco, queimou as pestanas debruçado sobre os livros da especialidade e, durante anos, fez numerosos cruzamentos, gastou imenso dinheiro e desanimou inúmeras vezes. Mas conseguiu o que desejava: obteve uma rapôsa que, da cabeça até metade é branca de neve e, daí até ao fim da cauda, é dum maravilhoso azul metálico. Houve logo vários compradores e vendeu-a para a América por 6.000 coróas.

Qual será a feliz que fará empalidecer de inveja as amigas?

As gravatas — Não ponha mais de dois dias a mesma gravata, marido da senhora que me lê.

— Tenha-as sempre penduradas. O tal cordel no interior da porta do guarda-vestidos, não é?



«Ensemble» simples e original

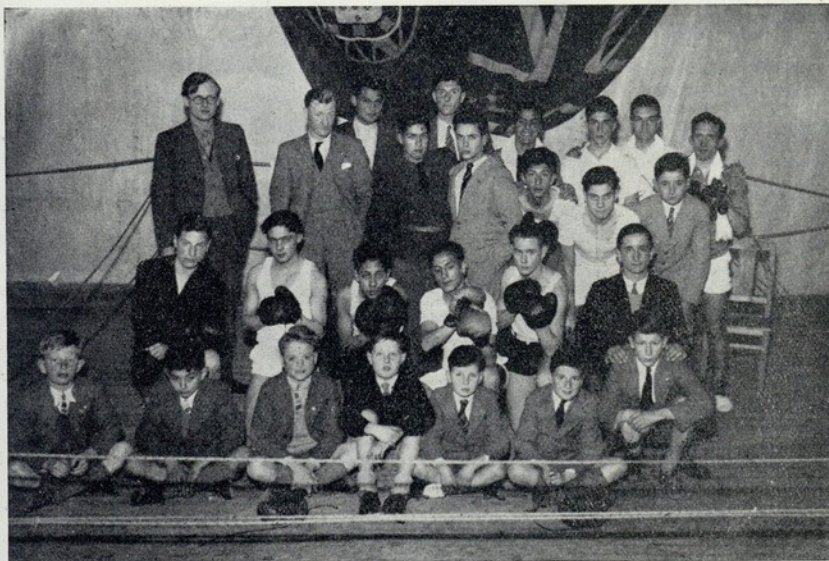
— Precisa de ter mais cuidado à mêsua. Uma nódoa de gordura, vê? — Depressa, passe-lhe giz por cima.

— O ferro eléctrico está escangalhado e quer que lha passem imediatamente. Dá tanto trabalho um homem, credo! Bem; faça o seguinte: deite água quente numa garrafa. Humedeça levemente a gravata e enrol-a muito direitinha em redor da garrafa. O vapor substitue o ferro.

— Se está comprovado que tem bom gôsto, pode escolher as suas gravatas, mas, caso contrário, a sua esposa que lhas compre. Não sei se esta advertência lhe interessará, mas fique sabendo que, depois da cara, para onde a mulher olha logo é para a gravata.

Sport

A "nobre arte" do pugilismo



No domingo, disputou-se em Carcavelos, entre os alunos da St. Julian's School e o grupo da «Mocidade Portuguesa», daquela vila, um animado match de box. Os pequenos pugilistas, com o sr. Gogay, reputado mestre do box da «Mocidade Portuguesa».

O box moderno, inventado pelos ingleses, é igualmente conhecido pela *nobre arte* do pugilismo. Mas este qualificativo tem provocado risos desdenhosos. Chamar ao jôgo do murro a *nobre arte* parece, realmente, pitoresco em demasia, sobretudo para aqueles que, deste desporto, possuem apenas a ideia sumária da sangueira que tem caracterizado alguns combates célebres entre os mais famosos pugilistas. A *batalha* entre o negro Johnson e o branco Jeffries, que teve proporções de luta de raças, e no qual o negro mutilou a cara do branco; e outras lutas em que a conquista do título de "campeão do mundo" ganhou, na América, aspectos de combate de feras humanas; e, sobretudo, a lembrança dos combates a "punho nu", tudo junto, contribuiu para que este desporto ganhasse um pouco em todo o mundo, e muito em Portugal, a má reputação de desporto que é mero caso de rua ou de polícia... Os mais impressionáveis, não ocultaram o seu espanto ante a impossibilidade da polícia perante um espectáculo de dois indivíduos que se esmurram desalmadamente.

O juízo, porém, é injusto. Não pode ver-se o box pelos casos de excepção; o automobilismo, por um acidente trágico; o hipismo, brutalidade, pela volta a Portugal, que matou mais duma dezena de cavalos; a esgrima, pelo acidente mortal; o futebol, pelo jogador tuberculizado ou por uma desordem, algures; a vela, por um naufrágio; a política, pelo banditismo; o teatro, pelo dramalhão ou pela revista de feira; o jornalismo, pelo panfleto; porque tudo, em desporto, em arte, em política e, até na vida, tem o seu

aspecto superior de paredes meias com o irresistivelmente cómico ou brutal ou inferior.

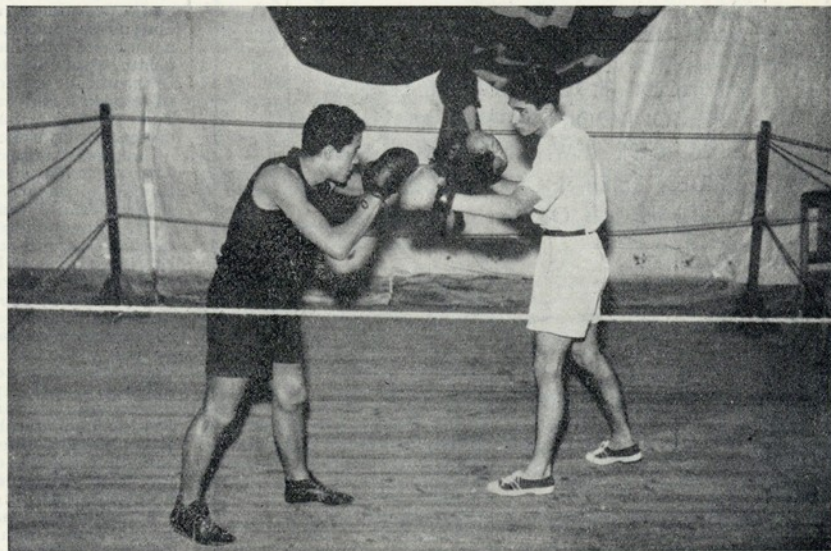
A expressão *nobre arte* tem inteira propriedade porque ela, em síntese, reflete as condições em que os pugilistas se defrontam: em perfeito pé de igualdade, divididos em categorias, segundo o peso, o saber e a arte; a nobreza que há na luta pela severa sujeição a normas, que tornam o combate uma verdadeira esgrima de punhos protegidos por luvas fortemente almofadadas e provocando a decisão mais pelo saber, pela arte, pela

inteligência do que pela força ou pela violência. E' assim que os *estilistas* do box, como o célebre Carpentier, como Tuney, Dempsey e outros abateram gigantes como Carnera, o nosso Santa Camarão e tantos outros que pretendiam superar a arte do box pela superioridade física, sob o ponto de vista de excepcional estatura. Todos esses colossos, na verdade, foram derrubados pelo saber do jogador que faz do box uma esgrima que procura tocar o adversário nos pontos vulneráveis, e que momentaneamente provocam a inferiorização pelo choque nervoso, pela perturbação respiratória, pela dor vivíssima, e, quasi sempre, sem que se veja uma gota de sangue...

Por tudo isto, o box fornece em todos os países da Europa, como das Américas, a maior simpatia popular; e, nas escolas, nas universidades, no Exército e na Armada da Inglaterra como dos E. U. A. o pugilismo é um desporto de eleição. Realmente, despido dos exageros que por vezes caracterizam as lutas entre os campeões — que são em tão escasso número — o box é um desporto admirável como exercício físico e até como espectáculo. E, é tão mais agradável quanto menos se aproxima da categoria dos pesados, na qual a arte cede quasi tudo em favor do força bruta. Os combates entre jovens, então, nos quais tudo é proporcionado à idade é a formação física, o box não tem nenhum aspecto desagradável e torna-se um espectáculo atraente, emotivo e salutar.

E' por isso totalmente errada a suposição de que o box é um desporto violento e perigoso. Ao contrário. Poucos desportos o excedem sobre esse aspecto. Porque tudo está previsto e regulado: os assaltos de um minuto; as luvas de oito a doze onças, que quasi tornam inofensivo o sóco; a moderada actividade, nesses torneios inter-estudantes, tudo junto, dão ao box a maior utilidade ao mesmo tempo que anula tudo aquilo que o poderia condenar.

C. de O.



Um combate de box entre um filiaço da "M. P.", e um aluno da St. Julian's School

DUAS MULHERES

NOVELA DE GRACIETTE BRANCO

(Isabel visita Berta, no propósito de a aconselhar. Não se vêem há muito. O diálogo quente e sincero, dura há, aproximadamente, duas horas... A tarde cai...)

Berta (num ar de desalento e sinceridade, enterrando-se nas almofadas do «divan») — Ah!... Mas é isto a minha vida, Isabel! Um fundo de desconforto, de abandono, que me traz para aqui como um farrapo!

Em vão busco divertir-me, gosar a vida que me foge, sim, porque a vida foge-me, Isabel! foge-me em cada dia, em cada hora que passa, e o resultado é sempre maçar-me e cair no meu canto desiludida, envelhecida, exausta.

Isabel — Sempre tiveste essa mania de te considerares infeliz! De facto, feliz não és! Basta teres o teu lar desfeito por um divórcio que, digo-te com toda a franqueza — ainda hoje não entendo.

Berta (interrompendo, impulsiva) — Não entendes?! Oh! O egoísmo dos felizes!

Não entendes o que é um marido a toda a hora entregue aos seus «affaires» nem sei bem de que género; irritado à mais pequena manifestação dum desejo meu; sempre mal

humorado às refeições; achando supérflua toda a despesa feita comigo; entendendo que eu tinha sempre vestidos a mais, calçado a mais; que todos os divertimentos eram inúteis? Não entendes o que é ser considerada apenas como uma boneca, uma fútil, por um marido grosseiro e insensível a um temperamento de mulher?! Tu, Isabel, como entraste na vida com o pé direito...

Isabel (interrompendo e batendo três vezes na madeira) — O diabo seja surdo...

Berta (continuando) — Não sentes, não podes sentir o que é ser desgraçada na vida.

Isabel — O coração humano é muito grande: abrange todos os bens e todos os males e serias injusta se me considerasses indiferente à tua sorte.

Berta — No fundo achas-me também responsável por tudo o que me acontece. Julgas-me frívola, banal, incapaz dum gesto de abnegação, de sacrifício. Pensas que sou feita, apenas de artifício, sem nenhuma parcela de humanidade...

Isabel (com bondade) — Não julgo nada disso! Sei como és. Conheço o teu temperamento. Tu és muito boa rapariga quando, apenas, o teu



coração fala, mas em ti existe uma capa de vaidade com que a tua maneira de ver se envolveu pela vida fora e que te não deixa ser feliz. Tu entendes que a felicidade consiste em mostrar toilettes no guarda-fato; em ser pontual a todas as festas elegantes; em trazer o nome da lista dos «carnets»; mundanos; em ser apontada como mulher que dá nas vistas. Estás tão habituada a sentir em tua volta, adejando, a corte de todos os homens que quando saís à rua e nada ouves de lisonjeiro — de balofo — já é para ti um dia estragado, um dia morto, um dia inútil.

Berta (numa revolta) — Pois com que queres tu que eu encha os segundos, os minutos, as horas da minha vida? Falas assim, porque tens um lar feliz, um lar cheio de sol, que tu adoras e onde tu és rainha. Tens a tua família, a tua casa, os teus interesses.

Eu gostava de ver estas senhoras sensatas na minha situação, para então as poder julgar! Não é tendo, como tu tens, um marido encantador que te satisfaz todos os caprichos; duas filhas que são todo o seu enlêvo; uma casa próspera, linda e respeitada, que eu posso saber se em todos os casos da vida procederias assim. A vida é boa para ti, recebe-te de braços abertos. Casaste por amor...

Isabel (interrompendo) — Perdão. Tu também casaste por amor! Tenho uma carta tua, da véspera do teu casamento, na qual me afirmas ser a noiva mais feliz do mundo...

Berta (acendendo outro cigarro) — Mais uma infelicidade minha! Engano-me sempre neste assunto de amor! Não sei porquê, mas depois de uns

dias de intimidade, êle some-se, desaparece... Olha... como o fumo deste cigarro...

Isabel (ásperamente) — A nossa inteligência deve dar-nos a força moral necessária para esmagarmos, a todo o custo, as nossas aberrações. Tu casaste. O teu marido exaltava-te, adorava-te (interrompendo uma exclamação de Berta). Sei eu que te adorava! Nada te faltava. Tinhas, como eu, uma casa linda da qual ainda se vêem os móveis. Que mais querias tu para te sentires feliz! Mas não. Comecaste logo a criar o romance. As pessoas, como tu, gostam de fazer romance da sua própria vida. Acham interessante, fora do vulgar, olharem-se como protagonistas de novela barata...

Berta (revoltada com impeto) — Cala-te. Ofendes-me. O teu ar de moralona irrita-me!

Vens dizer-me que bordasse almofadas, que bordasse cortinas para as salas que fizesse, pudins para o jantar, para Ele, para o Senhor, para o Deus Supremo, não é? E eu que andasse na cosinha, feita gata borralheira, com um aventalinho de cretone para poupar os vestidos que Ele paga, com o suor do seu rosto... (dá uma gargalhada).

Isabel (muito séria) — Isso é escarnecer a minha vida, mas não me importo. Sei que do meu lado é que está a razão e que hei-de ser sempre, neste combate de palavras, a mais forte. Eu disse, há pouco, que o teu marido te adorava...

Berta (impaciente) — Parecia adorar... nos primeiros tempos... nos primeiros meses...

Isabel (rispidamente) — Sempre te adorou. Digo e repito: a única responsável por tudo,

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete "ANGOLA". Sairá na 1.^a quinzena de Abril, recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOSSAMEDES, CAPE TOWN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação

Para esclarecimentos e mais informações:

Sede: Rua do Comércio, 85 — telef. 2 3021 [6 linhas]

LISBOA

Sucursal: Rua Infante D. Henrique 73 r/c. — Tel. 1 434

PORTO

Tem tomado muitos remédios para o estômago, mas tudo sem resultado?

O mesmo sucede a muitas pessoas que sofrem de indigestões, azia, flatulência, etc., até ao dia em que se resolvem a experimentar as Pastilhas Digestivas Rennie.

Depois das suas refeições, tome duas Pastilhas Rennie. Verá como os resultados da sua decisão se manifestam de forma pasmosa. Passam-lhe as dores, a azia, a flatulência e o mau estar, fazendo-se a digestão sem o sentir.

As Pastilhas Digestivas Rennie contêm anti-ácidos que neutralizam o excesso de ácidos absorventes que acabam com os gases e fermentos que facilitam o trabalho digestivo, tornando-o insensível. As Pastilhas Rennie chupam-se como qualquer caramelo, não necessitam de água para serem tomadas, e assim, a própria saliva serve de veículo aos seus componentes que chegam ao estômago sem perdas de actividade. Duas Pastilhas Rennie bastam, geralmente, para acabar com as dores de estômago em cinco minutos. Vendem-se em todas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100 pastilhas.



Doi-lhe o estômago quando acaba de comer?

Quando as digestões são difíceis, se sofre de azia ou de flatulência, é um verdadeiro tormento comer. São dores, má disposição, o demónio.

Mas é fácil acabar com todos estes males. Basta ter o cuidado de tomar 2 Pastilhas Rennie, depois de cada refeição, para se poder apreciar o prazer de boas comidas.

Na composição das Pastilhas Rennie entram: anti-ácidos que neutralizam a acidez; absorventes que reduzem os gases e fermentos que facilitam o trabalho digestivo.

As Pastilhas Rennie são fáceis e agradáveis de tomar. Não é preciso água. Desembruham-se, metem-se na boca e chupam-se como qualquer caramelo. A própria saliva se encarrega de servir de veículo aos seus componentes, que atingem o estômago com todas as propriedades e força, sem a menor diluição. Duas Pastilhas Rennie acabam com as dores de estômago em cinco minutos. Vendem-se em todas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100 pastilhas.

O NOSSO CONCURSO FOTOGRAFICO

Excedeu toda a expectativa o interesse que provocou o concurso do «Mundo Gráfico», entre os não profissionais da fotografia. De todos os pontos do país e até mesmo do estrangeiro recebemos interessantes clichés, onde há verdadeiras maravilhas. O número das fotografias enviadas deve andar por cerca de duzentas, que correspondem a quasi outros tantos concorrentes. Predominam motivos paisagísticos da nossa linda terra, mas há também numerosos elementos cidadãos e assuntos de interior. O Concurso tomou tal importância que resolvemos entregar a um júri especialmente escolhido, de reputada competência artística, a escolha das três primeiras fotografias.

fôste tu. Tu podes expulsar-me até de tua casa, mas eu hei-de dizer-te tudo o que sinto, tudo o que penso do teu caso.

Berta (em contida irritação) — E' sina minha ter de revestir-me de paciência! (fuma, olhando o vago).

Isabel — Nos primeiros tempos de casado não podia o teu marido apreciar-te devidamente porque a embriaguez da lua de mel envolve a inteligência numa neblina de meios tons que não permite definir num revelar caracteres. Nos primeiros tempos, tudo é sonho, tudo é leveza, tudo são perdões, condescendências, amuos que se desfazem em beijos e nunca em lágrimas. Mas a lua de mel passa, como tudo!

Berta (interrompendo, irónica) — Menos na tua vida...

Isabel — Na minha vida, agora, é uma lua de mel diferente. E' uma lua de mel que a inteligência das esposas pode ir sempre conservando pela vida além. Mas, ouve: passada a lua de mel, começou teu marido a desgostar-se porque, quando chegava a casa, as criadas lhe diziam, invariavelmente, que a senhora ainda não tinha chegado.

Cansado do trabalho cotidiano sentiria prazer, como todos, em encontrar, no lar que construiu, o aconchegado carinho duma esposa dedicada, um sorriso reconfortante, uma carícia, um beijo. Asperamente, sentavas-te à mesa do jantar e nunca o seu espirito inteligente e culto pode comunicar com o teu, nunca a sua alma clara conseguiu abrir caminho na tua, nuns momentos de espiritual convívio.

Berta (profunda ironia) — Falar de arte, de literatura, de transcendentales assuntos?!... (gargalhada).

Isabel (com tristeza desconsolada) — A tua attitude des-

Eis as individualidades que fazem parte do júri do nosso Concurso Fotográfico:

Varela Aldemira, *ilustre pintor, professor, sócio da Academia das Belas Artes;*

Mário Novais, *técnico de reconhecida competência, um dos nomes mais brilhantes da fotografia artística, com uma obra de excepcional beleza;*

Rocha Ramos, *jornalista, editor do «Mundo Gráfico». Este júri celebrou já a sua primeira reunião preparatória, tendo registado com desvanecimento o êxito da feliz iniciativa do «Mundo Gráfico». No próximo número publicaremos o resultado do concurso, com os trabalhos e nomes dos primeiros classificados.*

gosta-me mais do que me ofende, Berta! Levada pela futilidade do teu espirito, resvalaste para o divórcio, após repetidas cenas, sempre provocadas pela tua absoluta falta de senso.

Berta (erguendo-se impulsiva e atirando fora o ciarro) — Cala-te! Proíbo-te mais recriminações.

Isabel — Pões-me fora? Sou talvez demasiado franca, demasiado rude. Mas... sou mais velha do que tu. Tua mãe, antes de morrer, pediu-me que fosse sempre tua amiga, que te aconselhasse, que fizesse tudo para te modificar a maneira de ser. Infelizmente, nada consigo. Andas na vida sóbrea um arame e equilíbrios, que te hão-de fazer tombar para um abismo.

Berta (sentando-se) — Deixa. Não te importes. E' comigo. E' melhor íres-te embora, é. Vai para o teu lar, para a tua casa cheia de flores, cheia de risos das tuas filhas, dos beijos do teu marido. Entras nela, feliz, radiante, como rainha! (dolorosa expressão).

E eu? Eu? Fico para aqui, enterrada nestas almofadas, a fumar e a sonhar, minutos a passarem, flores murchando, pétalas caindo no vazio das horas.

Isabel (energica) — Tive-te tudo e atiraste-o fora!

O perfil de Berta, fatalista e cansado, vergou sobre o braço esquerdo, como lírio murcho ao tombar da jarra...

Batiam oito horas.

E as duas mulheres, caminheiras da existência por estradas opostas, tantas peregrinas da romagem interminável e contraditória da vida, choravam lentamente, caladamente, no silêncio eloquente em que as palavras faltam e os pensamentos surgem, corpóreos e materializados, como figuras reais, vigorosas, sinceras...

A SUA idade é 45



A SUA PELE acusa apenas 18

A mulher que apresenta um rosto moço, a pele fresca, sem rugas, sem manchas, sem qualquer desses sintomas de cansaço, tem a atracção das mais jovens raparigas.

A idade não importa. Quantas vezes a glória de actrizes célebres se estende além de todos os limites da mocidade. E ouve-se dizer: «Esta mulher já deve ter para cima de 45 anos! Mas que frescura de pele, sem uma ruga, sem um sintoma de flacidez nos tecidos do rosto. Parece que tem 18 ou 20 anos!».

No teatro português há um exemplo encantador deste prodígio de mocidade eterna, graças à frescura da pele, e que toda a sua vida de glória só tem ouvido bastantes... aplausos.

Em Paris o berço de beleza eterna, onde se cultiva o «charm» da mulher, este delicado problema do rejuvenescimento da pele feminina foi sempre objecto de estudos científicos. A mais recente descoberta do Dr. Charpy, eminente dermatologista da cidade-luz, foi encontrar o processo de acelerar a alimentação das células dérmicas pela aplicação directa das vitaminas. A alimentação interna, embora cuidada e estudada, só lentamente fazia chegar as vitaminas à pele. A alimentação externa faz-se quasi instantaneamente.

A absorção dessas vitaminas aplicadas no rosto dá resultados extraordinários: os tecidos rejuvenescem, as rugas cada dia que passa tornam-se menos fundas, diluem-se e desaparecem, os estragos naturais do vento, das poeiras, do ar forte do campo e do mar, ou ainda do ar viciado das salas de baile ou de espectáculo, são contrabalançados pela absorção das vitaminas que assim restituem, ao fim de poucas horas, toda a vitalidade e saúde do rosto.

O processo do Dr. Charpy tornou-se realidade com o **Cre-med'Argy** creme de beleza à base de vitaminas, creme nutritivo por excelência, mais do que produto de beleza, verdadeira receita científica de resultados surpreendentes. Preparado em duas fórmulas: para dia, o n.º 1, não gorduroso (tubo cor de marfim), como base para o pó de arroz; e, para de noite, o n.º 2, (tubo cor lilás), como tratamento da pele.

Faça uma experiência. Por 4\$00 pode obter nas casas da especialidade um estójo reclamado contendo um tubo de creme n.º 1 (dia), um tubo de creme n.º 2 (noite) e duas amostras de **Moussine d'Argy**.

Não encontrando, escreva para os Laboratórios d'Argy, Campo 28 de Maio — LISBOA.

CINEMA

A acção dos artistas ingleses, em Hollywood

ADMIRÁVEL LIÇÃO DE PATRIOTISMO

HOLLYWOOD continua a interessar-se, extraordinariamente, por tôdas as manifestações que tenham a presidir aos seus objectivos um carácter filantrópico. As festas de beneficência, ou de «auxílio», sucedem-se, por tôda a parte, com um entusiasmo digno de admiração.

Por exemplo: As mais animosas e dedicadas protectoras da «Cruz Vermelha Britânica» são Loretta Young, protagonista da hilariante comédia Os médicos também casam; a célebre vedeta Merle Oberon e a esposa do famoso realizador Ernst Lubitsch. Portiando, sem mostras de fadiga, na recolha de donativos, percorreram a California, de ponta a ponta, em automóveis blindados, sob a vigilância dos melhores e mais destemidos agentes americanos. Mary Pickford, que em breve se vai estrear como realizadora de filmes, ofereceu, com destino ao fundo daquela instituição, uma valiosa joia que pertenceu a Douglas Fairbanks. Outra vedeta, igualmente célebre, pôs em leilão três alianças de casamento dos seus anteriores compromissos...

Jean Withers, a azougada intérprete de O gato bravo do Arizona, foi ao Canadá tomar parte em várias festas com idênticos fins altruístas. Freddie Bartholomew foi a grande atracção de um «party», realizado em casa da vedeta Esther Ralston, que ofereceu o produto das entradas à «Cruz Vermelha Britânica».

Os actores, escritores, realizadores e produtores ingleses, que se encontram trabalhando em Hollywood, tomaram uma admirável decisão patriótica: produzir um filme cujo lucro revertirá a favor da «Cruz Vermelha Britânica». Para argumento foi escolhida, em princípio, uma novela, intitulada «Octave of Jealousy», de autoria de Stacey Aumonier. Robert Stevenson, porém, na qualidade de produtor executivo, designado por todos, submeteu à apreciação dos seus compatriotas uma história, da sua autoria, cujo título é: «The Rafter's Ring». É que «Octave of Jealousy», após breve estudo, foi considerada demasiado pessimista. Ponderadas outras vantagens, de ordem técnica, foi escolhida, por unanimidade de votos, «The Rafter's Ring», por ser «muito mais cinematográfica». A história de Robert Stevenson gira em volta duma velha mansão situada nos subúrbios de Londres. A acção principia em 1780 e estende-se até ao ano de 2000. Embora uma parte do argumento tenha um carácter de antecipação, nenhuma tentativa será feita para predizer o desfecho da actual guerra.

Os artistas franceses de Hollywood, num compreensível espírito de camaradagem e de solidariedade, ma-



Gary Grant e Rosalind Russell, numa cena da comédia «O grande escândalo», a qual, segundo a crítica americana, constitui, de facto, um escândalo de gargalhada

nifestaram desejos de prestar o seu concurso. Este, porém, ficou sem efeito, em face da situação actual da França e, também, para evitar quaisquer complicações diplomáticas.

Sir Cedric Hardwick foi eleito director do consorcio e Alfred Hitchcock, Victor Saville e Herbert Wilcox escolhidos para as funções de directores de produção.

Sete dos maiores escritores ingleses, no momento actual, estão escrevendo o argumento. São eles: A. J. Cronin (autor de A Cidadela e Noite de Vigília); John Van Bruten; James Hilton (autor de Adeus, Mr. Chips e Horizontes Perdidos); Aldous Huxley (Contaponto); R. C. Sheriff; Dodie Smith e Claudine West. W. P. Lipscomb e Alma Reville darão os últimos «retoques».

«The Rafter's Ring» reunirá, no seu elenco, o maior número de artistas apresentados num filme. Todos trabalharão de graça. Até agora, a «distribuição» conta com Brian Aherne, Freddie Bartholomew, Madeleine Carroll, Ronald Colman, Gracie Frieds, Erroll Flynn, Joan Fontaine, Greer Garson, Gary Grant, Sir Cedric Hardwick, Charles Laughton, Anna Neagle, Vivien Leigh, Herbert Marshall, Anna Lee, Merle Oberon, Vitor MacLagen, Ray Milland, Maureen O'Hara, Lawrence Olivier, Claudine Rains, Sabú e C. Aubrey Smith.

Os artistas serão apresentados por ordem alfabética. «The Rafter's Ring» terá seis realizadores: Alfred Hitchcock, Frank Lloyd, Edmund Gauding, Zoltan Korda, Victor Saville e Herbert Wilcox.

Que admirável parada de valores — dos maiores de Hollywood — numa grande jornada de patriotismo!

António Lourenço

Cinema Luso-Brasileiro

A UNIÃO FAZ A FÔRÇA

A estreita cooperação que se vem verificando, há algum tempo, entre o cinema inglês e o americano mostra que é possível, dentro de proporções mais restritas, uma perfeita irmandade entre o cinema português e o brasileiro.

Alguns dos melhores filmes exibidos, recentemente, nas nossas telas, nasceram de uma íntima cooperação existente, agora, entre vários grandes produtores ingleses e americanos. Notáveis películas como Adeus, Mr. Chips, A Cidadela, Edith Cavell, Irene e O Monte dos Vendavais são o resultado da troca de artistas e técnicos entre os estúdios dos dois grandes países.

Adeus, Mr. Chips foi produzido em Inglaterra mas teve um realizador americano: Sam Wood. A Cidadela revela-nos, no seu elenco, a presença de um director e de uma intérprete americanos: King Vidor e Rosalind Russell. Edith Cavell, apesar de ter sido produzido em Hollywood, com capital britânico, foi dirigido e interpretado por artistas ingleses, à frente dos quais figurava, no papel de protagonista, a notável vedeta Anna Neagle. Com Irene, aconteceu a mesma coisa. Quasi todos os intérpretes de O Monte dos Vendavais são de origem britânica.

Desta cooperação, verdadeiramente brilhante sob todos os aspectos, verifica-se que é possível um cinema luso-brasileiro. Não deixemos que a experiência, mal sucedida, do Trevo de Quatro Folhas, em que um dos principais papéis foi desempenhado por Procópio Ferreira, venha perturbar a realização deste desejo, apetecido por muitos.

Portugal tem alguns técnicos de merecimento e, sem grande dificuldade, é possível seleccionar um esplêndido conjunto de artistas já familiarizados com os segredos das câmaras... O mesmo se verifica no Brasil onde, entre artistas e técnicos, existem muitos elementos aproveitáveis.

A primeira grande experiência de cinema luso-brasileiro foi Puzos, que o nosso compatriota Chianca de Garcia acaba de produzir nos estúdios da «Ciné-dia», do Rio de Janeiro, sobre a adaptação de um romance de José Lina do Rego, o mais lido escritor do Brasil. Procópio Ferreira, o maior actor do teatro brasileiro, interveio no papel de protagonista.

O êxito de Puzos abre largos horizontes aos profissionais de ambos os países. Se outros realizadores norteamericanos se passarem no mesmo sentido de Chianca de Garcia, teremos, então, grandes e compensadores filmes, visto que, consoante o ditado, a união faz a força.

Puzos está dando magníficos frutos. Despertou novos talentos. Revolucionou processos de cinematização antiquada, entre os técnicos cariocas, e, facto muito importante, apontou aos produtores uma nova fonte de amotização, para os seus filmes, com que nunca contaram: — Portugal.

Após o seu grande triunfo em Puzos, cuja realização logrou cimentar o seu prestígio e ganhar a íntima confiança dos artistas e produtores brasileiros, Chianca de Garcia volta a ser louvado por ter concluído, num tempo-recorde, nos estúdios de São Cristóvão, outro filme intitulado 24 Horas de Sono. Os principais papéis são desempenhados por dois grandes artistas da ribalta carioca: Dulcínea de Moraes e Odilón, que nesta película trabalharam em regime de «produção-associada» com a «Ciné-dia».

A realização destes dois filmes permitirá acreditar numa estreita colaboração entre o cinema português e o brasileiro? Não serão suficientes para lançar as bases de um entendimento de produção entre os dois países?

UMA CINEMATECA

O «British Film Institute», com sede em Londres, acaba de tomar uma importante decisão: Fundar num dos seus departamentos, uma cinemateca. Com a sua criação — pretende-se:

1.º — Conservar, para a posteridade, cópias de todos os filmes de «actualidades», culturais, musicais, de fantasia e de entrecho.

2.º — Adquirir todos os filmes que, pelo seu mérito artístico e importância técnica, revelem novos sentidos de evolução da arte cinematográfica.

3.º — Arquivar todas as produções históricas e científicas.

Num período relativamente curto, pois a sua existência data de poucos meses, esta cinemateca, graças a pacientes esforços dos seus devotados funcionários, conseguiu este magnífico resultado: Arquivar um milhão e meio de pés de filmes, de diferentes qualidades e abordando os mais variados assuntos. Sem dúvida que esta colecção, organizada a capricho, possui um valor inestimável, visto que abrange toda a história do cinema mundial, desde as primeiras tentativas até a descoberta do filme falado e do «técnicolor».

Por exemplo: O filme mais velho está qualificado, no catálogo, deste modo:

«Filme sem título». Produzido por alturas de 1896.

Firma produtora: desconhecido. Metragem (positivo): 75 pés.

Estado de conservação: Fotografia; em algumas seqüências ligeiramente esmaecida. Tudo o mais — bom.

Os filmes são conservados em protectores moderníssimos, de metal, que são constantemente substituídos, quando as condições atmosféricas o impõem. A produção de antes da guerra de 1914-1917 está largamente representada. Uma das suas mais valiosas curiosidades está registada, no catálogo, com este título: «Haw-Bella Waswou». É o primeiro filme de Charlie Chaplin. Foi exibido em 1913. O seu valor histórico não reside na antiguidade, nem na circunstância de ter sido a primeira película apresentada, em público, pelo genial comediante britânico — mas sim no facto de ele aparecer com um «bigode» inteiramente diferente do que usa, hoje, nas suas comédias.

ANEDOTAS DA TELA

Compreensão...

Durante um intervalo de filmagem, um jornalista da especialidade foi convidado a explicar, numa roda de raparigas, a diferença que existia entre o acento agudo e o acento grave. Momentos depois:

— Compreendo... — exclamou uma «girl» — quando sentir uma dor aguda, não é nada de grave!

Resposta a tempo...

— Diga-me, por favor, qual é o caminho mais curto para os estúdios da Paramount?

— Este — respondeu o motorista, indicando o seu taxi.



O HOMEM PERFEITO



Dois filmes de gargalhada

Desde a apresentação da impagável comédia «Se eu fôsse patrão», Fernand Gravey conquistou definitivamente o público português. Os êxitos sucederam-se num ritmo crescente, atingindo, talvez, o ponto culminante da sua carreira de actor francês na célebre comédia «Fanfarra de Amor». Depois, Fernand Gravey foi para a América e deu-nos, com Joan Blondell, a deliciosa «charge» «O rei e a corista». De novo nos «estúdios» europeus, encarregaram-no de papéis sérios, nada semelhantes ao de «Que descaradão!...» e a sua auréola de glória deixou de brilhar com todo o folgor. Vamos ver, agora, em Lisboa, no São Luiz, novamente o impagável actor, reconquistando o título do melhor galá-cómico, adquirido em «Fanfarra de Amor» e, desta feita, ao lado da mais formosa estrela dos «estúdios» californianos — Carole Lombard. O filme intitula-se «Escândalos de Amor», e foi dirigido por um dos mais competentes cineas-

tas de Hollywood — Mervyn LeRuy.

* * *

Errol Flynn, o principal intérprete de «As Aventuras de Robin dos Bosques», raramente tem desempenhado papéis em que não apareça caracterizado. Desta forma, em Portugal, quasi ninguém teve ainda ensejo de ver «ao natural» o admirável artista. Mas essa oportunidade vai agora aparecer no Eden-Teatro com a estreia duma das mais originais e engraçadas farsas americanas — «O Homem Perfeito». Este filme é, de facto, perfeito em tudo, desde a descrição fiel do perfeito tipo da senhora rica e caprichosa que deseja dar ao neto a mais perfeita das educações, até à mais sorridente e perfeita beleza feminina, representada pela estonteante e azougada Joan Blondell, passando pelo mais perfeito cómico da Warner Bros, o conhecido Hugh Herbert, cuja figura basta surgir na tela, para despertar logo a mais franca e perfeita gargalhada. «O Homem Perfeito» vai ser o mais perfeito êxito dos filmes alegres da temporada porque consegue manter, perfeitamente em constante gargalhada, o público.

São dois filmes da S. I. F.



ESCÂNDALOS DE AMOR



MUNDO GRÁFICO



O Cardinal Hinsley
almoçando
com o general
De Gaulle
em
Grosvenor House